



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**MÃES SOLTEIRAS CHEFES DE FAMÍLIA: um estudo sociológico na
cidade de Macapá – AP.**

MACAPÁ-AP
2013

**FRANCO DA SILVA PEREIRA
GREYCE KELLY LOBATO DOS SANTOS
SUELLEN DA SILVA BRITO**

**MÃES SOLTEIRAS CHEFES DE FAMÍLIA: um estudo sociológico na
cidade de Macapá – AP.**

Trabalho de Conclusão de Curso, realizado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura Plena em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Amapá.

Orientadora: Professora Ms. Iraci de Carvalho Barroso.

]

**MACAPÁ-AP
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

305.4
P436m

Mães solteiras chefes de família: um estudo sociológico na cidade de Macapá - AP / Franco da Silva Pereira, Greyce Kelly Lobato dos Santos, Suellen da Silva Brito -- Macapá, 2013.

55 p.

Orientadora: Profa. MsC. Iraci de Carvalho Barroso

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Mulher. 2 Família. 3. Mães solteiras. I. Santos, Greyce Kelly Lobato dos. II. Brito, Suellen da Silva. III. Barroso, Iraci de Carvalho, orient. IV. Fundação Universidade Federal do Amapá. V. Título.

FRANCO DA SILVA PEREIRA
GREYCE KELLY LOBATO DOS SANTOS
SUELLEN DA SILVA BRITO

**MÃES SOLTEIRAS CHEFES DE FAMÍLIA: um estudo sociológico na
cidade de Macapá – AP.**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^aMs. Iracide Carvalho Barroso (orientadora)
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Prof. Esp. Raimundo de Lima Brito
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Prof. Esp. Rauliette Diana Lima e Silva
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Nota: _____

Data: _____-_____/_____/_____

Dedico este trabalho a força divina, aos meus pais: Célia Lopes da Silva e Francisco de Assis Pereira que e a toda minha família que me acompanharam mesmo diante das dificuldades, e sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

Franco da Silva Pereira

Dedico este trabalho ao meu esposo Douglas Barros e ao meu filho amado Douglas Gabriel. A vocês dedico tudo, meus amores, minha vida. Sem vocês não seria possível a realização deste trabalho. A minha família em geral que sempre me apoiou. Estendo ainda esta dedicatória ao meu pai Sérgio, minha mãe Tânia. E minha querida e amada sogra Delma.

Greyce Kelly Lobato

Dedico este trabalho aos meus pais, minha filha Ana Clara e meus familiares. Se não fosse por vocês eu não teria chegado até aqui.

Suellen da Silva Brito

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por conduzir meus passos nesta longa e árdua caminhada sempre me direcionando com muita força, bênçãos e luz, que me fez enxergar oportunidades onde eu via somente dificuldades. Ao meu anjo da guarda e guias que sempre me iluminaram e me acompanharam nos caminhos da construção deste trabalho.

Meus agradecimentos a minha família que foi de suma importância nesta conquista, me apoiando a cada dificuldade encontrada. Meu maior motivo das lutas diárias. Meus pais Célia Lopes e Francisco de Assis, minhas irmãs Nieve Pereira, Geíza Pereira e Nágila Pereira (in memoriam) e o mais novo anjo em minha vida, meu sobrinho José Pedro Pereira Lobato que hoje é mais um motivo de minhas lutas. Estendo a gratidão a minha avó Odete Marques, todas as minhas tias e meus tios, primas e primos e amigos da família que sempre me incentivaram. Agradeço também aos meus avós maternos (in memoriam) e meu avô paterno que não tenho dúvidas que sempre estiveram torcendo pelo meu sucesso.

A todos os colegas da turma Ciências Sociais 2009, em especial a Greyce Kelly e Suellen Brito que a todo instante foram compreensíveis e juntos compartilhamos da sabedoria e das dificuldades para a construção deste trabalho e aos companheiros Anny Caroline, Miquéias Mendes e Maiara Abreu. Aos mestres que além de admiráveis profissionais foram amigos e peças fundamentais na edificação e resultados deste sonho. Em especial a professora orientadora Ms. Iraci Barroso que com muita sabedoria e paciência acompanhou cada detalhe para a construção deste trabalho.

Meus amigos Alex Nery, Anne Caroline, Eliel Madureira, Érica Chanandry, Francisco Joaquim, Luana Cardoso, Lumara Marques, Norton Gonçalves e Saullo Sanches que a todo instante estiveram ao meu lado e acompanharam cada sucesso e dificuldade desta conquista. Agradeço ainda ao Jean Alex, Narah Lopes, Cris Daiane, Marcelo Pacheco e Val Castro que sempre estiveram por perto apoiando e incentivando. Enfim a todos que apostaram e incentivaram cada passo para o êxito deste trabalho.

Franco da Silva Pereira

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que ajudou-me em toda a minha trajetória acadêmica. Sou grata aos meus pais, Adenor Brito e Graça Brito, meus maiores exemplos de vida. Obrigada por cada incentivo e orientação, pelas orações em meu favor, pela preocupação para que eu estivesse sempre andando pelo caminho correto.

Aos meus irmãos, Natanael, Daniele, Glauci, Fabiola, Waldedenice e outros familiares que a todo tempo estiveram ao meu lado incentivando e encorajando, para que eu pudesse alcançar minhas conquistas.

Sou eternamente grata a minha filha Ana Clara, não tenho palavras para poder expressar o quanto sou agradecida por Deus ter me dado esta linda menina, que a cada momento que se passa ela me faz querer lutar, ainda mais, por meus objetivos profissionais.

Devo agradecer a todos os meus professores que repassaram todo o conhecimento possível, ajudando-me a compreender os assuntos que foram estudados na sala de aula. Em especial a nossa orientadora MS. Iraci Barroso.

O que dizer dos meus amigos e colegas, Maiara Gabriele, Greyce Kelly e Franco Pereira que por força, carinho, atenção, paciência, brincadeiras e por estarem sempre comigo nesta estrada em busca do conhecimento, ajudando um ao outro a conseguir conquistar cada um dos nossos objetivos.

Obrigada a todos que mesmo não estando citados aqui, tanto contribuíram para a conclusão desta etapa da minha vida.

“Que todo o meu ser louve ao Senhor, e que eu não esqueça nenhuma das suas bênçãos.”
Salmos 103:3

Agradeço primeiramente a Deus, que foi o idealizador de todo este processo, sem ele não seria possível chegar a esta etapa da minha vida. Sou grata aos meus pais que mesmo distantes, contribuíram no que estive ao alcance deles.

Sou muito agradecida ao meu esposo Douglas Barros que foi um companheiro, amigo, parceiro, foi tudo nessa etapa. Amor, obrigada por compreender minha ausência, as correrias. Você foi o meu apoiador emocional e financeiro, sem você não seria possível finalizar este processo. Sou grata por seu companheirismo nesses seis anos de casamento, você sempre me incentivou e nunca me deixou desistir. Em todos os momentos foi meu apoiador. Sempre serei grata por seu carinho e compreensão.

Ao meu filho Gabriel que foi durante dois anos meu parceiro de universidade, filho, minha vida, a você eu agradeço, pois você foi minha força de vontade para continuar. Você suportou ao meu lado todas as dificuldades acadêmicas. Obrigada por me compreender.

Agradeço a minha sogra Delma que me apoiou demais nessa caminhada. Obrigada por abrir mão de seu tempo para me ajudar. Você foi muito mais que uma sogra, foi mãe, amiga.

A minha turma ciências sociais 2009. Especialmente aos meus companheiros nesta pesquisa Franco e Suellen. As minhas amigas, desde o principio, Wanessa Pantaleão e Jéssica Sanches, amigas vocês fazem parte deste trabalho. Muito obrigada.

Aos professores, mestres que propiciaram o aprofundamento do conhecimento. Especialmente a professora/orientadora Ms. Iraci Barroso que foi primordial na construção deste estudo. Muito obrigada, sem você não seria possível a finalização deste processo. Você é exemplo de mãe, mulher e profissional.

Em fim, a todos que contribuíram para a realização e construção deste trabalho.

“ser mãe é renunciar muitas coisas, e no momento, eu me vejo abrindo mão de muitas coisas pra ficar com o meu filho. Agora ser chefe de família é muita responsabilidade, é abrir mão de uma vida inteira.”

J, Macapá. 26/07/2013.

RESUMO

O estudo tem o objetivo de analisar os motivos que levaram as mães solteiras a chefiar de seu lar, evidenciando que atualmente há um número maior de mulheres que são chefes de família, em detrimento de serem as únicas progenitoras. Faz-se necessário, então, abordar as mudanças ocorridas no papel da mulher no meio familiar. O estudo tem uma abordagem qualitativa, utilizando a entrevista como instrumento para obter o relato de dez mulheres que são mães solteiras chefes de família. Assim o estudo detectou que o principal motivo dessa nova configuração familiar é o abandono por parte de seus companheiros e por isso assumem a chefia do lar.

Palavras-chave: mãe solteira, mulher, família, Macapá.

ABSTRACT

The present study has objective to analyze the reasons that led to the single mothers head of his household, showing that there are now a growing number of women who are heads of family in expense of being the unique progenitor their families. It is necessary to address the changes in the role of women, in the family. The study has a qualitative approach, using the interview as a tool to get the story of ten women who are single mother's householders. Thus it was found that the main reasons for this new family is the abandonment by his companions and so assume the leadership of the home.

Keywords: single mother, woman, family, Macapá.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 – FAMÍLIAS CHEFIADAS POR MULHERES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	13
1.1 – A família no contexto histórico: estudo preliminar	13
1.2 – Do patriarcalismo à emancipação: o lugar da mulher	15
1.2.1 – O papel da mulher na família	17
1.3 – Famílias chefiadas por mulheres na realidade brasileira	20
2 – LUTAS FEMINISTAS PELA EMANCIPAÇÃO E EMPODERAMENTO	25
2.1 – A finalidade das lutas feministas	25
2.2 – Direitos conquistados por mulheres no avanço da sociedade	26
2.3 – O empoderamento feminino: mãe solteira chefiando família	28
3 – A RECENTE CONFIGURAÇÃO FAMILIAR: MÃE SOLTEIRA E CHEFE DE FAMÍLIA EM MACAPÁ – MOTIVOS E CONQUISTAS	33
3.1 – Analogia entre as diversas funções exercidas por mães solteiras	33
3.2 – Mães solteiras em Macapá: motivos que levaram a mulher à chefia familiar	37
3.3 – Ser mãe solteira: prós e contras	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
APÊNDICE	51

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema: MÃES SOLTEIRAS CHEFES DE FAMÍLIA: um estudo sociológico na cidade de Macapá – AP. Sabe-se que na atualidade muito tem se falado em equidade social e gênero, novas configurações familiares, entre outros assuntos de caráter social, no qual as mulheres são o cerne desta discussão sobre uma nova configuração de família. Haja vista essas mulheres, na maioria das vezes, quando não há um parceiro, que assumem a liderança familiar como cuidadora, mãe e arrimo financeiro.

O interesse sobre o objeto de pesquisa em tela surge a partir de uma reportagem realizada pelo Jornal Evangélico do Amapá, cujo teor divulgava o crescimento de mães solteiras chefiando lares na cidade de Macapá, conforme mostra o estudo do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), em 09 de maio de 2010. O qual aponta cerca de 70 mil mulheres exercendo hoje a função de chefes de famílias. Em razão dos fatos acima citados, despertou-se o interesse em pesquisar os motivos que levam essas mulheres a assumir um papel que historicamente é direcionado a função paterna.

Dessa forma, a mulher vem desenvolvendo vários papéis na atualidade, englobando esferas sociais, políticas e econômicas, e em muitos casos tornando-se agente principal no âmbito familiar, no que diz respeito à chefia de sua casa. Neste sentido o trabalho investigativo tenta responder a seguinte indagação: Que motivos levaram as mães solteiras à chefia de seu lar? Entende-se a importância de fazer a abordagem deste assunto, visto que está cada vez mais comum a mulheres chefiando famílias e colocando-se, dessa forma, como progenitora responsável por seu lar. É de relevância ressaltar, ainda, que segundo pesquisas realizadas pelo IBGE, o Amapá está em primeiro lugar na lista de Estados da região norte em que as mulheres se declaram solteiras. Neste sentido, conforme ressaltado anteriormente despertou-se o interesse em entender sobre esses dados referentes a mães solteiras no estado do Amapá.

Para o devido êxito, entendimento e reflexão deste trabalho, utilizou-se como metodologia de produção a pesquisa qualitativa, que segundo Minayo (2010) é trabalhada nas ciências sociais respondendo questões muito particulares. Ela se ocupa, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilha com seus semelhantes.

Este procedimento possibilitou as entrevistadas maior liberdade na exposição do tema exposto, visto que pode-se perceber nas mulheres entrevistadas suas vivências como mães solteiras, constatando, dessa forma, o que Minayo disserta no fragmento supracitado quando versa sobre as particularidades na pesquisa qualitativa.

O processo de coleta de dados aconteceu nos meses de junho e julho de 2013, realizaram-se dez (10) entrevistas, como uma pequena demonstração de famílias de mães solteiras. Este contato possibilitou uma aproximação da realidade de vida do objeto de pesquisa mencionado, para conhecer este novo modelo de família. Assim sendo, foi utilizado, para entrevista com as mulheres, um roteiro de perguntas semi-estruturadas e um celular/gravador. Após a coleta das entrevistas, o conteúdo das falas foi analisado, sendo fundamental para a construção dos capítulos. Evidencia-se, neste aspecto, que as identidades das entrevistadas, assim como de seus filhos serão preservadas, utilizando-se apenas as iniciais de seus nomes e pseudônimos.

Nesta perspectiva, a presente análise subdividiu-se em três capítulos, para melhor compreensão desta nova configuração familiar que apresenta como principal característica a chefia por mães solteiras. O primeiro capítulo de cunho mais teórico versa sobre a família e os avanços no seio social do papel que a mulher desempenha nesta, além de ressaltar a condição atual da mulher.

O segundo capítulo ressalta os princípios do empoderamento feminino, além das condições básicas que contribuem no desenvolvimento dessas mulheres no processo de empoderamento. Pois, para pensar nesse tema, há uma série de características que precisam ser certificadas.

O terceiro e último capítulo desta pesquisa irá abordar sobre as várias funções exercidas pelas mães solteiras, e os prós e contras dessa nova condição familiar que se apresentou na vida dessas mulheres. E ainda os motivos que levaram as mães solteiras a chefia de sua família.

Diante do exposto, o intuito deste estudo é promover informações norteadoras para a realização de políticas públicas e assistências para as mães solteiras. Espera-se, desse modo, que este trabalho atinja o objetivo necessário e possa servir como um instrumento inicial para uma análise sobre este fenômeno ainda pouco explorado pelas Ciências Sociais em nível local.

¹ - Tomou-se como ambiente de pesquisa o projeto T-amar que presta assistência, principalmente de cunho emocional a essas mulheres. Delineando neste contexto que o objeto de pesquisa foram as mães solteiras que o freqüentam, e não o projeto em si.

1 - FAMÍLIAS CHEFIADAS POR MULHERES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

1.1 – A família no contexto histórico: estudo preliminar

A família é a primeira socialização do indivíduo, nela o ser humano adquire valores e crenças, e recebe a proteção necessária para a sua sobrevivência nos primeiros anos de vida. Como todas as instituições da sociedade a família também passou por várias transformações: do matrimônio em grupo ao monogâmico, da família patriarcal à homossexual. Atualmente, existem várias configurações no âmbito família. Concernente a isto, Durkheim (1897) designa de família conjugal aquela constituída pelo pai com papel de prover sustento do lar, pela mãe na função de gerir as atividades domésticas, também por filhos. Entretanto podem existir vários motivos que contribuem para estas mudanças, dentre os quais está: a falta de planejamento familiar, a ascensão da mulher na sociedade, o divórcio, a viuvez e o abandono do lar pelo pai. Enfim, são esses os principais motivos que atualmente motivam a formação de famílias que se encontram fora do modelo nuclear tradicional, ou seja, sem a chefia do pai.

Para melhor compreender o processo de mudanças que o núcleo familiar passou, e no qual a mulher esta intrinsecamente ligada, faz-se necessário expor os avanços da mulher na família. Neste viés, é notório que o homem precisa conviver em sociedade, fazer parte de um grupo social. Para isso o homem constituiu a família, a qual atravessou gerações, passando por diversas configurações dependendo de sua socialização de tempo e espaço.

Na sociedade antiga, mais para o final do período da barbárie, vemos a sociedade começando a traçar um perfil monogâmico, sem existir a necessidade de coabitação. O casamento existe como um período de acasalamento, que dura enquanto o casal estiver de acordo. Um pouco mais tarde, ainda no mesmo período, isto já não acontece mais; os casais passam a dividir a moradia como norma; contudo, o homem dita as regras — deve existir fidelidade e exclusividade entre o casal — havendo penas cruéis e castigos a quem as infrinja. Paradoxalmente, contudo, o homem notícia que está, ele mesmo, isento de tal obrigação.

Na Grécia, a desigualdade fica ainda mais evidente. A mulher é isolada dentro da família, dominada pelo marido, sem direitos definidos. Só com o aparecimento da família moderna, na Grécia e em Roma, é que a mulher recebe um novo papel, como o citado acima. Como dito por Morgan (1970), “cada fase é muito longa, dura o tempo suficiente para que

passa por períodos de infância, maturidade e decadência”. Desta maneira podemos entender como ficou arraigado o papel de submissão da mulher.

A propósito, Engels (1975) citando Morgan no seu livro “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, descreve quatro tipos de família: a consangüínea, a punaluna, a sindiásmica e a monogâmica. Cada uma numa determinada época e local.

A família consangüínea se caracteriza pelo casamento entre irmãos e primos de primeiro e segundo grau. Essa forma de família na visão de Morgan já era considerada avançada, no que diz respeito à exclusão das relações sexuais entre pais e filhos. Já na família punaluna estava baseada na exclusão das relações sexuais recíprocas entre irmãos, um processo considerado difícil, dada a maior igualdade na idade dos participantes. A analogia entre as famílias consangüínea e punaluna é o casamento em grupo, fatores estes que desaparecem na família sindiásmica.

Ainda de acordo com Engels (1975), a família sindiásmica surgiu devido à proibição ao matrimônio entre parentes consangüíneos, ficando cada vez mais difícil as uniões em grupo. Essa forma de organização familiar se caracterizou pelo conjunto de um homem, uma mulher e filhos, onde foi assegurado ao marido o direito a poligamia e a infidelidade ocasional, sendo a mulher cruelmente castigada em caso de adultério. No entanto, qualquer uma das partes poderia dissolver o vínculo conjugal, ficando o filho em posse exclusiva da mãe. Nesse estágio o homem assumiu a posição de chefe de família, enquanto a mulher foi rebaixada a condição de simples instrumento de reprodução.

O surgimento da propriedade privada foi um fator determinante para o nascimento da família monogâmica, devido à necessidade de provar a paternidade dos herdeiros. A monogamia veio assegurar que o patrimônio do pai não fosse parar nas mãos de falsos filhos. Entretanto, o adultério pôs em risco a hereditariedade dos bens. Desde que o homem passou a exercer o papel central na família, o que acontecia desde a família sindiásmica, a mulher passou por vários estágios de subordinação.

Faz-se saber que a mulher tem um importante papel na modificação da família monogâmica. Engels (1975), afirma que antes da industrialização os casamentos eram sempre realizados por conveniência. A mudança efetiva do casamento monogâmico, realizado com base no amor conjugal e na promessa de fidelidade, como se supõe ser na atualidade, surge na industrialização. A mudança acontece através da transformação do papel da mulher na sociedade: lançada ao mercado de trabalho adquire os mesmos direitos e deveres no casamento.

A família monogâmica esta destinada a progredir ainda mais, até o reconhecimento completo da igualdade dos sexos no interior de uma justa relação matrimonial (MORGAN, 1970, p. 62).

Neste aspecto de acordo com Carvalho (1995), a família contemporânea delinea o nascimento de outros tipos de família: a família recomposta e a família monoparental. A recomposta é aquela em que casais separados que tem filhos, casam-se novamente, formando uma nova família. A monoparental é aquela formada pelos filhos e apenas um dos genitores. Este tipo de família é em sua maioria liderada por mulheres e em geral mulheres de classes sociais mais baixas, sem acesso aos recursos legais que poderiam obrigar os pais a assumir as responsabilidades na criação dos filhos.

Cabe ressaltar que este tipo familiar em que um progenitor torna-se responsável pelos aspectos econômicos, educacionais e sociais da casa vem se tornando mais corriqueiro, na medida em que o número de separações, viuvez e abandono de lar aumentaram progressivamente no decorrer do tempo. A família contemporânea rompe com os laços tradicionais, em que a composição familiar teria que ser de pai (chefe de família), mãe (função doméstica e cuidadora dos rebentos) e filhos, ela trás uma configuração em que há descentralização do poder e múltiplas aparências. A dominância masculina cedeu lugar para um contexto em que a mulher tem importância e assume o papel de chefe de família, mas não perde o vínculo com seus filhos.

1.2 - Do patriarcalismo à emancipação: o lugar da mulher

Na conjuntura do patriarcalismo evidencia-se que no Brasil colônia o que predominava legalmente era o tipo familiar formado pelo pai provedor e a mãe dona de casa; entretanto, verificou-se no texto de Morgan que não era esta a realidade que efetivamente predominava, devido aos interesses da sociedade da época. Estes se propunham sobre maneira a implantar a disciplina cristã entre os povos da colônia (Koerner, 2002, p. 74). Contudo, este não era o modelo exclusivo da época, apesar do único casamento válido ser aquele realizado pela Igreja:

A organização familiar variava segundo as classes sociais, havia mulheres como chefes de família, adultérios confessados, concubinatos e bigamia. Assim, o modelo de família patriarcal que a lei e a moral dominantes ordenavam era inefetivo, pois no século XVIII viam-se, por exemplo, casamentos arranjados sendo desfeitos, mulheres divorciadas que conseguiam a tutela dos filhos e sua parte no patrimônio (KOERNER, 2002, p. 74).

A partir dos aspectos apontados pelo autor, infere-se que a família patriarcal não passava de uma ilusão. A família que oficialmente almejada não existia de maneira efetiva.

O mesmo se passava sobre à guarda dos filhos. Pela lei era o pai quem obrigatoriamente ficava com as crianças, permanecendo com a mãe os menores de três anos; ultrapassada esta idade, iriam morar com o pai. Isto não ocorria de fato, como é apontado por Koerner (2002), que descreve situações nas quais a mãe mantém a tutela de seus filhos. Destaca-se que, as transformações do trabalho feminino, a conscientização da mulher decorrente das lutas nos movimentos feministas e a incorporação maciça da mulher na força do trabalho renumerado, resultaram no poder da mulher à medida que essas lutas estão presentes em todas as etapas da experiência humana.

Assim, o autor chama de crise o enfraquecimento do modelo familiar baseado na autoridade exercida pelo homem, sendo chefe de casa sobre a família. Pois a dissolução dos casamentos leva à formação de lares chefiados por apenas um dos pais, cessando a autoridade da figura patriarca sobre a família. E diante desta crise do patriarcalismo apresenta-se um novo estilo de vida, a formação de famílias constituídas por mãe e filhos, descaracterizando a família tradicional.

Trabalho, família e mercado de trabalho passaram por transformações neste último quarto de século em virtude da inclusão cada vez mais perene das mulheres no mercado de trabalho com renumeração, quase sempre fora de seus lares. Castells (2002) menciona que em 1990 havia 854 milhões de mulheres economicamente ativas no mundo inteiro. A entrada das mulheres nessa força de trabalho renumerado deve-se de um lado a informatização, integração em rede e globalização da economia, e de outro à segmentação do mercado de trabalho por gênero que se aproveita de condições sociais específicas da mulher para aumentar a produtividade.

Sob o regime patriarcal o trabalho da mulher resumia-se a cuidar do lar, limitando-a a tarefas domésticas. E com a emergência do processo de globalização, o envolvimento das mulheres nas variadas atuações do mercado de trabalho se deu de forma maciça, o que impulsionou as mesmas a estenderem suas atividades fora do lar, criando uma nova visão da realidade e deixando cada vez mais distante a condição de submissão diante do regime patriarca. Nesta perspectiva do processo de emancipação da mulher no mercado de trabalho, a atividade é percebida nas falas das entrevistadas. *“Eu trabalho numa loja.” (S, Macapá. 24/07/2013.); “Sou empregada doméstica.” (J, Macapá. 24/07/2013); “Trabalho como*

diarista, faço faxinas quando aparece.”(M, Macapá. 30/07/2013). “Sou doméstica e faço unha. ” (R, Macapá. 26/07/2013)

Diante das observações e entrevistas realizadas com participantes do projeto T-amar, constata-se a ascensão da mulher no mercado de trabalho e as variações de atividades executadas por mulheres fora do lar, não caracterizando apenas as tarefas restritas a este ambiente, o que antes era designado no regime patriarca. A mulher, assim, sai do âmbito doméstico e estende sua mão-de-obra a outros espaços de atuação no mercado de trabalho, mas não perde as atribuições de cuidadora do lar e mãe.

No que tange as mães solteiras, está emancipação da mulher permite que as mesmas procurem diversas atividades renumeradas, não com a finalidade de ser independente financeiramente, mas com a necessidade de arcar com as atribuições de um chefe de família, tais como: criação dos filhos e custos domésticos. Nas condições atuais, as mães chefes de família ficam mais propensas a cobranças para manter seu papel indispensável de provedoras da família.

1.2.1 – O papel da mulher na família

A mulher sempre teve vários papéis na família, durante vários períodos de evolução da sociedade. Singly (2007) distingue três tipos de família: a família nuclear, composta pelo marido e pela esposa e seus filhos, sendo esse o tipo fundamental de família; a família poligâmica, composta de dois ou mais núcleos familiares tendo um progenitor em comum; e a família extensa, composta por duas ou mais famílias nucleares num único grupo familiar, sendo que nessa, pode-se agrupar diversas gerações de famílias nucleares morando em uma mesma casa ou em conjuntos de moradias.

Na sociedade medieval as famílias viviam em casas grandes onde recebiam amigos e parentes, sem separar o profissionalismo da vida privada e social. Nesta época pregava-se que o homem e a mulher não podiam viver separados um do outro e que a família medieval tinha o papel de conservar os bens e, principalmente, o dever de proteger a honra e a vida. No período colonial, até meados do século XIX, Melman (2006) ressalta que as famílias viviam em grandes fazendas rodeadas dos filhos e escravos, e a maior parte da alimentação era produzida na própria fazenda e quando a criança alcançava algum tipo de autonomia, logo era misturada aos adultos para trabalhar. Portanto, as famílias tinham em suas casas um senhor, com o papel de chefe da família, pai, marido e comandante da tropa, e o restante da família deviam respeito seguindo suas regras e normas.

A família sofreu consideráveis transformações no último quarto do século, pois a mulher mudou sua rotina inserindo-se no mercado de trabalho, passando assim, parte do dia fora do lar. De acordo com Carvalho (1995) no Brasil, especificamente a partir da década de sessenta, essas mudanças afetaram a vida doméstica e resultaram em mudanças na dinâmica familiar e no relacionamento homem e mulher. Fontenelle-Mourão (2006), afirma que, depois do século XIX com o processo de industrialização, a mulher foi reconhecida no mercado de trabalho, principalmente como empregada assalariada. Devido a essa inserção, a mulher procurou dividir suas tarefas domésticas, seja com o pai ou com instituições como: creches, escolas e outros. Promovendo a participação do pai na educação dos filhos e também na organização da casa.

Os papéis antes eram preestabelecidos dentro da família, hoje, porém, isto já não está acontecendo com tanta frequência. Está existindo uma individualidade onde, pai, mãe ou filho, lutam por seus direitos, igualdades, identidade e até mesmo pela sobrevivência de cada um, sem necessariamente deixar de ser família apesar da redefinição dos papéis. No início do século XX, de acordo com Coelho (2006), nas décadas de 60 e 70, a mulher lutou por direitos iguais em relação aos dos homens. Assim, o casamento e a família deixaram de ser prioridades em sua vida, ocorrendo mais separações, mulheres solteiras e provedoras de lar.

Sarti (2007) em seu livro “A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres” retrata sua pesquisa realizada em São Paulo na década de setenta sobre a importância da família na vida dos pobres. Sobre os papéis do homem e da mulher na família, a autora observou que na organização familiar o homem era visto como o chefe da família e a mulher como a chefe da casa. Nesse sentido, fica evidente que a autoridade sobre a família, a mediação e o contato com o mundo externo seriam de responsabilidade do homem, sua presença garantiria a respeitabilidade moral da família e o sustento financeiro; já a unidade familiar, o cuidado de cada membro e o zelo pela moradia seria a responsabilidade da mulher, ela seria a responsável pelo orçamento doméstico, a dona-de-casa e mãe.

A tese supracitada pela autora está sendo menos evidenciada na atualidade, pois é cada vez mais comum a mulher ser a líder, provedora, mãe, profissional, enfim, todos os papéis que antes eram prestigiados apenas aos homens, as mulheres conseguem fazer com toda qualidade chefiando sua família. Apoiando esta questão, evidenciou-se na pesquisa de campo com as entrevistadas que estas fazem o papel de pai e mãe, com dificuldade, mas conseguem contemplar o que antes era tarefa para dois. Isto se verificou na fala das entrevistadas a seguir.

“Faço só, cuido só, educo só. Sou pai e mãe com dificuldade, mas com orgulho. Quando comecei a cuidar sozinha das crianças minha vida ficou uma correria, não paro pra quase nada.” (S, Macapá 24/07/2013).

“Sou pai, mãe, tudo só. Não escolhi, mas é assim. Uma missão que trago comigo” (R, Macapá 30/07/2013).

“Sim, sozinha. Hoje cuido sozinha dos meus filhos e de casa. Não é nada fácil, mas não posso ficar parada. É mais complicado quando tenho que fazer um serviço pesado, mas eu me viro. E tenho meus filhos homens que me ajudam.” (J, Macapá 24/07/2013).

Confirmando a versão das entrevistadas e as idéias a este respeito, Coelho (2006) menciona que só no início dos anos 90 é que a mulher conquistou uma redefinição de papéis e identidades masculina e feminina, e essas mudanças e conquistas ocorreram devido ao trabalho e a modernização do mundo. De acordo com o autor, essas variações nas estruturas familiares, vão de acordo com o ciclo de desenvolvimento de um determinado grupo familiar e são essas variações que dão lugar aos novos arranjos familiares.

Wagner (2005) demonstra uma realidade vista em muitos contextos, apesar de trabalhar fora, em seu novo papel, a mulher acaba acumulando funções e responsabilidades antigas com os novos encargos de sustento. O estereótipo de gênero por vezes se mistura ao estereótipo das tarefas, sendo algumas consideradas tarefas predominantemente femininas e outras masculinas. Assim, o trabalho doméstico exercido pelo homem é visto como uma “ajuda” à mulher e não como responsabilidade do homem no zelo pela casa.

A necessidade de analisar e compreender a coexistência dos aspectos modernos e tradicionais nas famílias contemporâneas nos últimos 15 anos revelou um considerável aumento no número de pesquisas sobre a divisão de gênero nessas atividades domésticas. Pesquisadores do Brasil e dos Estados Unidos têm constatado que a divisão das tarefas domésticas ainda tende a seguir padrões relativamente tradicionais. Mesmo nas casas onde as mulheres têm um ganho financeiro maior do que os maridos, ou mesmo naquelas onde os maridos estão desempregados, elas realizam uma quantidade muito maior de atividades no trabalho doméstico que eles. (WAGNER, 2005, p. 182).

Este papel exercido pela mulher durante o desenvolvimento da sociedade é de suma importância para a estrutura familiar. Papel este que a mulher foi desempenhando e não se restringiu apenas ao âmbito familiar, mas também ao campo político/ideológico que foi abarcado de forma imensurável por elas.

1.3 – Famílias chefiadas por mulheres na realidade brasileira

Ao longo da história brasileira, muitas mulheres surgiram para transformar a realidade em que viviam, questionando valores e normas, brigando para terem direitos a terem direitos. É assim a história de parte notável de nossas mulheres brasileiras, caracterizadas pela raça e pela força.

Dessa forma, em meados do século XVIII a cidade de São Paulo se transforma na cidade das mulheres. Segundo o censo de 1789, 46% dos domicílios pesquisados são chefiados por mulheres (Del Priore, 1989, p. 34). A justificativa para tal esta no êxodo masculino para trabalhar nas minas em Goiás e no exercito. Del Priore (1989) cita em “O corpo feminino e o amor”, que não existe qualquer alusão à presença do homem dentro de casa, tendo este saído em razão do trabalho, a viuveis das mulheres e até mesmo a declaração de que se trata de mães solteiras.

Ao longo da história, e isso não apenas no Brasil, vemos a recorrência do aparecimento de mães solteiras chefiando lares sem a presença, oficial ou não, de homens. A Igreja que comandava o então Brasil Colônia ditava as regras de convivência social, referindo que os casamentos não deveriam ocorrer em razão de amor — sentimento esse que existia e era reprimido de acordo com as leis que regiam na época—, mas que era sim um dever, ou seja, os cônjuges deveriam se unir para “pagar o débito conjugal, procriar e, finalmente, lutar contra a tentação do adultério” (Del Priore, 1989, p. 33).

No final do século XIX e início do século XX, a Igreja Católica mantém sobre rígido controle a “ordem social” ligada às relações de gênero. As esferas pública e privada são delimitadas com rigor, com o intuito de manter as mulheres em “seus lugares”.

Para não ser(em) confundidas como transgressoras das normas sociais, morais e sexuais, as mulheres deveriam se manter na esfera privada. Códigos redigidos por homens, para homens, estabeleciam que coubesse às mulheres ser esposas submissas, obedientes e silenciosas, procriando e trabalhando incansavelmente e jamais expondo ou se opondo ao que ocorresse no interior do lar (LEITE, 2002, p.62).

Ainda neste período a responsabilidade pela família passa a ser dos cônjuges. As mulheres têm como guia de comportamento livros e revistas. A revista mais importante da época foi a Revista Feminina (1920), escrita por homens e mulheres que usavam pseudônimos

para falar abertamente sobre o que pensavam. É o início do movimento de emancipação da mulher.

De acordo com o texto de Maluf & Mott (1998), dentro desta mesma revista intelectuais, homens e mulheres, aparecem lutando um contra o outro. Homens com o papel de manter as mulheres trancafiadas dentro de casa e mulheres lutando para sair. São desafios de papéis, briga por um lugar melhor na sociedade. O casamento passa por um momento de crise e, em consequência, a família toda se encontra em crise.

Na antiga separação — mulheres no espaço privado e homens no espaço público —, cada um tinha o seu papel e não há como haver uma função diferente para cada um. A mulher que se sustentava através do tripé mãe/ esposa/ dona de casa queria a mudança de suas possibilidades. Na sociedade moderna o que teremos é a mãe/ esposa/ dona de casa/ profissional. O tripé ganha mais uma função, a mulher adquire mais um papel, sem dividir com os homens a função doméstica diária.

Entretanto o mais comum, na época da República, ainda são mulheres trabalhando fora de casa em época de celibato, pois para o homem casado significava fracasso precisar que a mulher trabalhasse fora para ajudar nas despesas da casa. Ferindo, desse modo, a então identidade social desejável, tanto do homem quanto da mulher (esposa virtuosa VS moça dos tempos modernos).

As alterações do modelo não ocorrem impunemente: para o homem, as transformações provocadas pela mudança de comportamento das mulheres significaram a corrosão da ordem social (Maluf & Mott, 1998). A mulher deserta o lar e busca suas próprias realizações.

Em todo este aspecto apreende-se que apesar das diferenças e da discriminação frente ao sexo masculino, o processo de emancipação possibilitou à mulher uma nova postura frente à família. Agora ela também faz parte do sustento da casa e, de uma forma crescente, vem assumindo a chefia familiar, como mostra uma pesquisa feita pelo IBGE de âmbito nacional, a qual revela que do ano 1991 para 2000, os domicílios chefiados por mulheres aumentaram quase 37%, passando de 18,1% para 24,9%.

Sendo assim, perante todas as conquistas e progressos em que a mulher, e principalmente no que tange a mãe solteira, tiveram e podem usufruir, percebe-se que esta conjuntura faz parte da realidade, como podemos compreender na fala das entrevistadas.

“Sim. Desde quando meu marido me deixou que sustento só a casa, cuido dos meus filhos. O que ele dá gasto só com as crianças. O restante eu banco sozinha.” (S Macapá, 24/07/2013).

“Só eu e Deus mesmo. Trabalho pra caramba pros meus filhos, pra sustentar a casa e sempre farei o possível pra não faltar nada.” (M, Macapá 30/07/2013).

“Sim, eu pego no pesado todo dia. É difícil viu?” (J, Macapá 24/07/2013)

Esta realidade foi confirmada em todas as respostas que foram apresentadas pelas entrevistadas, pois estas mulheres além de sustentarem financeiramente suas famílias, amparam educacional, emocional, e em todos os outros sentidos os seus filhos. E na pesquisa realizada evidenciou-se, ainda, que isso não é tarefa fácil para estas mães, pois tiveram dificuldades em conseguir emprego por conta de seu pouco estudo e quase sempre nenhuma experiência. Em sua maioria elas trabalham de maneira informal, como domésticas ou diaristas, mas sem nenhum direito garantido. Sua renda mensal é igual ou menor a um salário mínimo, e todas recebem auxílio financeiro do governo Federal e/ou estadual.

Quando elas falam que “bancam sozinhas” a casa e os seus filhos, relatam isto com orgulho, pois lutaram muito para alcançar tudo o que possuem. Podemos identificar desta maneira, a falta de apoio emocional, financeiro e psicológico para estas mulheres, pois tentam abarcar todas as necessidades de seus filhos, mas não conseguem fazer isto em sua totalidade. Os governos preocupam-se em garantir um “auxílio” financeiro básico para elas, mas esquece-se de lhe fornecer o principal: qualificação para obterem um emprego melhor e apoio psicológico. Pelo menos em relação ao Amapá, não existe esse tipo de ação por parte do governo, mas sim por uma instituição não governamental que possui um projeto voltado para as mães solteiras.

Mensurando este processo, algumas leis foram criadas ao longo do tempo em benefício às mães solteiras. As quais serão relatadas a seguir. A Emenda Constitucional número 9, de 28 de junho de 1977, permitiu a instauração do divórcio no Brasil e a lei nº 6.515/77 o regulamentou. Mas apesar do direito adquirido, o que dificultou o divórcio em nossa sociedade não tão distante foram os aspectos, cultural na medida em que ser mãe solteira ou mulher descasada não tinha uma boa aceitação na sociedade; religioso uma vez que concedido o divórcio, a Igreja Católica e também Evangélica não aceita mais uma nova constituição familiar; e econômico, visto que a atitude de prover o sustento do lar se torna mais complexa quando o homem se afasta e a substituição do cargo recai sobre a mulher, quando esta se encontra desprovida de base financeira.

O direito ao divórcio, por si só, já foi capaz de alterar o arranjo das organizações familiares. Uma série de novas relações aparece com o divórcio, como podemos verificar em Bilac (2000): “(...) nas novas condições criadas pelo aumento dos divórcios, separações e recasamentos, criam-se relações complexas entre domicílios” (BILAC, 2000, p. 36), ou seja, pais e filhos passam a conviver em casas separadas, os novos casamentos implicam na

convivência com madrastas e padrastos, filhos nascem destas novas uniões e filhos dos antigos casamentos e do novo casal se agrupam. Muitas mudanças acontecem, novos arranjos são formados.

Este status de mulher independente, separada ou divorciada, não é algo que afeta mais as mulheres tão diretamente, fato este evidenciado pela pesquisa. Pois apesar das dificuldades, atualmente o mercado de trabalho para o gênero feminino esta se expandindo cada vez mais, e as mulheres mesmo sem seus parceiros ou maridos, conseguem prover o sustento de sua família, apesar das freqüentes dificuldades. Sobre este assunto as entrevistadas fazem relatos.

“Não. Tem algumas pessoas que ficam falando, mas são poucas, a maioria, principalmente os familiares apóiam, no meu caso, o meu marido me abandonou, então até os parentes dele me deram apoio.” (R, Macapá 30/07/2013).

“Acho que foi mais difícil pra mim mesma. Não percebi se os outros tinham preconceito em relação a eu ser separada.” (Á, Macapá 29anos.24/07/2013).

“Antes eu dava muita atenção para o que as pessoas iam falar de mim e tinha muita dificuldade pra arranjar emprego. Hoje minha vida é tão corrida que nem tenho tempo pra ver o que vão falar. E graças a Deus tô conseguindo criar meus filhos sozinha.” (M, Macapá 26/07/2013).

“No começo eu sofri bastante, eu estava sem rumo na vida, ser abandonada não é fácil. Consegui com muito sacrifício um trabalho, levantei a cabeça de novo e segui meu caminho. Depois as pessoas viram que eu era capaz, e me deixaram em paz. Mas antes se eu ia em algum lugar, fulano dizia: essa aí devia ser uma péssima mulher, pro marido dela deixar ela assim... ficava com sangue no olho, tinha vezes que até discutia, mas passou.. a muito tempo eu segui em frente” (S, 24/07/2013).

A partir destes aspectos percebe-se que a condição atual da mulher esta melhorando consideravelmente e apesar existirem preconceitos e estigmas, a mulher vem ganhando cada vez mais relevância na família, no mercado de trabalho e na sociedade como um todo. Devido a uma variedade de fenômenos sociais, a sociedade passou a conhecer uma mulher firme, disposta a assumir postos de liderança. Presidentes, juízas, senadoras, prefeitas, reitoras, grandes empresárias, engenheiras, nas diversas hierarquias da sociedade, a mulher também passou a ocupar o maior grau. Não podia ser diferente na família. As estatísticas mostram que um número cada vez maior de domicílios vem sendo chefiados por mulheres. Não podemos afirmar que estamos caminhando para a era das mulheres no centro da sociedade, mas podemos, sim, dizer que as mulheres estão buscando um equilíbrio de gêneros na dinâmica social.

As mães solteiras pesquisadas não notaram esse preconceito de fato, ou até mesmo por falta de instrução não percebem que ele existe, e que elas, mesmo com toda evolução ocorrida

neste aspecto, ainda sofrem preconceitos. Seja na hora de ir ao mercado de trabalho, na escola de seus filhos ou até mesmo em relação aos familiares que as apóiam por pena, mas não por conta de concordarem com sua condição de mãe solteira.

2 – LUTAS FEMINISTAS PELA EMANCIPAÇÃO E EMPODERAMENTO

2.1 - A finalidade das lutas feministas

O feminismo enquanto movimento social é um movimento essencialmente moderno, surge no contexto das idéias iluministas e das idéias transformadoras da Revolução Francesa e Americana e se espalha, em um primeiro momento, em torno da demanda por direitos sociais e políticos.

No Brasil, as primeiras manifestações aparecem já na primeira metade do século XIX, em especial através da imprensa feminina, principal veículo de divulgação das idéias feministas naquele momento. Em fins do século XIX, as mulheres brasileiras incorporadas à produção social representavam uma parte significativa da força de trabalho empregada, ocupavam de forma crescente o trabalho na indústria, chegando a constituir a maioria da mão-de-obra empregada na indústria têxtil. Segundo Valdés (2000) os processos de organização das mulheres ocorreram simultaneamente ao processo de organização das classes populares, fortemente influenciadas pelo pensamento socialista e anarquista de caráter internacional.

Na realidade brasileira merece destaque a criação do Partido Republicano Feminista, pela baiana Leolinda Daltro, com o objetivo de mobilizar as mulheres na luta pelo sufrágio e a Associação Feminista de cunho anarquista, com forte influência nas greves operárias de 1918 em São Paulo. As duas organizações foram muito ativas e chegaram a mobilizar um número significativo de mulheres.

A partir dos anos 1920 a luta sufragista se amplia em muitos países latino americanos, sob a condição das mulheres de classe alta e média, que através de uma ação direta junto aos aparelhos legislativos, logo conquistam o direito ao voto. Assim foi no Equador, em 1929, o primeiro país da região a estabelecer o voto feminino. No Brasil, Uruguai e Cuba no início dos anos 1930 e na Argentina e Chile, logo após o final da Segunda Guerra mundial. As mulheres do México, Peru e Colômbia só vão conquistar o voto na década de 1950. A partir da conquista do direito de voto, o movimento feminista entra em um processo de desarticulação na grande maioria dos países latino-americanos, acompanhando a tendência ocorrida nos Estados Unidos e Europa (Jaquette, 1994). Isso não significou que as mulheres estiveram excluídas dos movimentos políticos mais amplos. Em toda América Latina, as mulheres se organizaram em clubes de mães, associações de combate ao aumento do custo de vida, nas associações de bairros, nas lutas por demandas sociais (escolas, hospitais, saneamento básico, creches, transporte etc), direito a terra e à segurança. No Brasil, as

organizações femininas, sob a orientação do Partido Comunista Brasileiro, como a União Feminina criada para atender a política de "frente popular" estabelecida pela Terceira Internacional em 1935, e o Comitê de Mulheres pela Anistia em 1945, tiveram amplo poder de articulação e mobilização feminina.

Esse primeiro momento do movimento feminista, em linhas gerais, pode ser caracterizado como de cunho conservador no que tange ao questionamento da divisão sexual dos papéis de gênero, inclusive reforçavam esses papéis, estereótipos e tradições na medida em que utilizavam as idéias e representações das virtudes domésticas e maternas como justificativa para suas demandas. Segundo Molyneux (2003, p.79):

As mulheres aceitaram o princípio da diferença sexual, mas o rechaçaram como fundamento para a discriminação injustificada. As líderes dos movimentos de mulheres criticaram seu tratamento diante da lei e impugnaram os termos de sua exclusão social e política, mas o fizeram de forma que reconheciam a importância do seu papel na família, um argumento que foi utilizado tanto pelas feministas quanto pelos estados, ainda que com fins distintos.

2.2– Direitos conquistados por mulheres no avanço da sociedade

As reivindicações das mulheres em prol de seus direitos perpassam vários momentos históricos da sociedade brasileira. Sendo assim, em meados da década de oitenta, o país começa a sair lentamente dos chamados “anos de chumbo” da ditadura militar que iniciou em 1964. Mas desde meados dos anos setenta as mulheres brasileiras já se mobilizavam contra o custo de vida, por creches e timidamente uma abertura política. Principalmente em São Paulo, mulheres de periferia, através de comunidades da Igreja Católica reivindicam ao Estado o atendimento das necessidades básicas. A reivindicação por creches era apontada como um dos principais problemas, pois as mulheres precisavam trabalhar fora, para manter a família (Teles, 1993). É claro que essas reivindicações propiciaram não só mudanças de mentalidade como também na sociedade.

No final da década de setenta as pesquisas voltam-se para as relações de produção. Mulher e trabalho no espaço urbano ou rural marcam o início da pesquisa acadêmica, com destaque para os trabalhos das sociólogas Heleieth Saffioti (1978/ 1979/ 1981) e Eva Altermann (1981). Nesse período algumas mulheres militavam clandestinamente em grupos de esquerda contra a ditadura, propiciando segundo Soares (1994) a emergência do feminismo dentro dos partidos de esquerda. Mas não são as mulheres dos bairros populares que aparecem no espaço público construindo uma dinâmica política própria e transformando seu espaço

cotidiano. Para Soares e Vera (1994, p.13) o “Movimento de mulheres nos anos setenta trouxe uma nova versão da mulher brasileira, que vai às ruas na defesa de seus direitos e necessidades e que realiza enormes manifestações de denuncia sobre suas desigualdades”.

Com todos esses movimentos sociais mencionados acima, as mulheres em geral, e principalmente as mães solteiras, galgaram cada vez mais direitos e espaços adentrando com essas conquistas no espaço legislativo. A aceitação desta categoria e de sua prole, no Brasil, partiu primeiro da legislação. Com o Decreto n. 3.200/41 regulou-se a guarda do filho natural. A Lei n. 883/49 admitiu o reconhecimento do filho adulterino e a Lei n.7.841/89 permitiu o reconhecimento do filho incestuoso. Várias leis de cunho trabalhista e previdenciário deram vantagens às mulheres, sendo estas casadas ou não. A Carta Magna de 1988, no seu artigo 227, §6º, concedeu os mesmos direitos e qualificações aos filhos havidos ou não do matrimônio e também proibiu qualquer tipo de qualificação discriminatória. Em consonância com o texto constitucional, veio a Lei n. 8.069/90. Com a Lei n. 8.560/92 facultou-se a mãe solteira o entrar com a ação de investigação de paternidade e reconhecimento de filiação, mesmo que o pai seja casado. Por fim, a Lei n. 8.971/94 regulamentou os direitos dos filhos de seus companheiros a alimentos e à sucessão.

Mesmo com todas essas conquistas a pesquisa verificou que no Estado do Amapá, apesar dos avanços nas legislações, as mulheres entrevistadas, em sua maioria, não recebem auxílio financeiro do pai de seus filhos, por conta de terem sofrido abandono algumas não sabem onde eles residem e outras, como elas dizem: “por orgulho próprio”, não procuraram o poder judiciário para receberem a “pensão”/alimentos para ajudá-las na criação e sustento de seus filhos. Como se verificou na fala das seguintes informantes.

“Eu nem sei por onde anda ele. Quer saber? As pessoas sempre perguntam porquê não vou atrás do pai, porque tenho direito. Hoje nem me importo mais Já passou tanto tempo e mudou muita coisa.. Hoje penso muito diferente..” (S, Macapá 23/07/2013).

“Ah sim, ele que me deixou, nem tenho notícias, esse peste sumiu no mundo, me deixou aqui com esses menino. Nem as crianças perguntam mais por ele” (N, Macapá 24/07/2013).

“Não quero ver ele nem pintado de ouro, não sei onde tá mesmo. Imagino, mas não vou atrás não. Ate parece, to dando conta até agora, nós não passou fome.” (L, Macapá 30/07/2013).

Com todo esse envolvimento em movimentos políticos e sociais a mulher ganhou um espaço a mais nos centros de poder e de opinião. Conflitando assim, com o papel antes

² - Art.227. §6º. Os filhos havidos ou não da relação de casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.

exercido dentro de seu lar, afetando diretamente suas relações familiares, pois algumas delas galgaram espaços no mercado de trabalho e até em partidos políticos, dividindo suas funções e seu tempo com outros papéis, além de ser mãe e cuidadora.

“Muito boa. Através das lutas de outras mulheres que a gente tem mais espaço hoje.” (V, Macapá 26/07/2013).

“Vejo de boa forma. Ah... hoje tem menos preconceitos por conta dessas lutas né?” (M, Macapá 26/07/2013).

“Me sinto orgulhosa como mulher... hum... conquistamos muitas coisas, mas o que mais me sinto orgulhosa, é que hoje posso trabalhar, sustentar meus filhos por conta dessas lutas e direitos que foram conquistados. Antes, na época da minha avó, mãe, a mulher separada, solteira, não tinha espaço, pois as pessoas viam como uma má influência. Hoje eu vejo outro tratamento e tenho como mãe solteira outro tratamento.” (J, Macapá 24/07/2013).

“É, hoje em dia mulher tem mais oportunidade, lembro que antigamente minha madrastra sempre dizia que nós mulher tinha que logo que aprender a cuidar da casa e hoje vejo muita mulher se virando por aí nas lojas, professora e médicas.” (J, Macapá 26/07/2013)

Verifica-se nas falas das mulheres que estas conquistas são de suma importância para os direitos adquiridos, a mãe solteira principalmente, que antes era vista pela sociedade como uma mulher sem caráter, sem competência e prostituta. Todas essas lutas serviram para desmistificar esses “pré-conceitos” que tinham em relação à mãe solteira. Sabe-se que ainda há preconceitos em relação ao assunto, mas em meio a tantas conquistas esse preconceito fica ofuscado, mas não esquecido. As mulheres que foram objeto de estudo, não sentem diretamente este preconceito, mas sabem que de alguma forma são alvo dele. E a cada dia tem que conquistar seu espaço devido e provar para as pessoas que são capazes de ser boa mãe, mulher e profissional.

2.3 – O empoderamento feminino: mães solteiras chefiando família.

O empoderamento feminino é tomado como fator determinante na concepção da chefia feminina na família, é sobre este aspecto fundamental na sociedade contemporânea que o estudo irá abordar, acrescentando como base na concepção de tal fenômeno.

Utilizando como alicerce este aspecto, empoderar-se significa então a alteração radical das estruturas que reproduzem a posição da mulher como submissa. O empoderamento também pode ser uma forma de combate à pobreza e de mudança nas relações de poder. Para Lisboa (2008, p.02):

O empoderamento das mulheres é condição para a equidade de gênero. O primeiro passo para o empoderamento deve ser o despertar da consciência por parte das mulheres em relação à discriminação de gênero: reconhecer que existe desigualdade entre homens e mulheres, indignar-se com esta situação e querer transformá-la.

Para que aconteça o empoderamento, as mulheres devem se conhecer melhor, saber de suas vontades, seus desejos, acreditarem em si mesmas, como diz Lisboa (2008, p. 02) “acreditar que são capazes de mudar suas crenças em relação à submissão e despertar para os seus direitos”. Este conceito que o autor menciona revela uma característica primordial que a mulher deve apresentar para designar que ela faz parte do processo de empoderamento, visto que a não subordinação deve estar contida nesta caracterização. A questão educacional é de cunho relevante para a conscientização da mulher enquanto participante e autora deste processo.

No ano de 2005 o Fórum Econômico Mundial, elaborou o documento “Empoderamento das mulheres – Avaliação das Disparidades Globais de Gênero” (FEM, 2005). Neste documento constam as cinco dimensões importantes para o empoderamento e oportunidades para as mulheres: participação econômica; oportunidade econômica, empoderamento político, avanço educacional e saúde e bem-estar.

a) Participação Econômica: este item está relacionado com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, mas em termos quantitativos. A presença da mulher no mercado de trabalho é importante para que possa diminuir o nível de pobreza entre elas e para que possa aumentar a renda familiar, desenvolvendo o país como um todo.

b) Oportunidade Econômica: esta relacionada à questão qualitativa do trabalho feminino. Muitas vezes, mesmo realizando o mesmo trabalho que o homem, a mulher tem um salário menor que o dele. Existem profissões consideradas “femininas”, como enfermagem, professora, assistente social, que tendem a permanecerem como categorias inferiores às dos homens.

c) Empoderamento político: diz respeito não só a representação justa das mulheres em estruturas de tomada de decisão, como também seu direito a voz na formulação de políticas que afetam a sociedade na qual estão inseridas.

d) Avanço educacional: esta é a dimensão mais importante para que de fato aconteça o empoderamento. Sem uma educação de qualidade as mulheres não alcançam um bom emprego e não conseguem avanços em sua carreira profissional. Duran (1993) disserta que as donas de casa, na maioria das vezes, têm grau de instrução mínimo, dificultando assim que estas se empoderem de suas vidas.

e) Saúde e Bem-estar: considera a diferença de acesso entre mulheres e homens a alimentos nutritivos, cuidados de saúde, facilidades reprodutivas e questões de segurança ligadas à integridade pessoal.

Saffioti (2004) expõe que o empoderamento significa: “atribuir poderes às mulheres, elevando, por exemplo, sua auto-estima. Também se empoderam mulheres por meio de ações afirmativas estatais”. (Saffioti 2004, p. 93).

O empoderamento também se materializará quando houver um rompimento com o cotidiano, e para Netto (1996), o cotidiano só será interrompido quando houver uma intensa motivação do homem pelo humano genérico, através de grandes paixões, de um trabalho que seja livre e prazeroso.

Netto (1996) define a vida cotidiana como:

Aquela vida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todos os dias: é levantar nas horas certas, dar conta das atividades caseiras, ir para o trabalho, para a escola, para a igreja, cuidar das crianças, fazer o café da manhã, fumar o cigarro, almoçar, jantar, tomar a cerveja, a pinga ou o vinho, ver televisão, praticar um esporte de sempre, ler o jornal, sair para um “papo” de sempre. (NETTO, 1996, p. 23).

Essas atividades feitas repetidamente são gestos mecânicos, as ações deixam de ser feitas com prazer. O rompimento desse cotidiano não é tarefa fácil de ser vencida, pois conforme Netto (1996) essas atividades rotineiras trazem insatisfação, angústias, opressão, mas também segurança. Todos esses sentimentos citados anteriormente estão embutidos na ordem patriarcal de gênero.

A questão sobre o empoderamento feminino também foi abordada na pesquisa de campo, direcionada as mulheres chefes de famílias pesquisadas. As entrevistadas falaram o que pensam sobre o tema mencionado.

“Empoderamento.... como assim?. De certa forma sim, olha eu cuido de minha família, não dependo de ninguém, assim que posso proporciono lazer para meus filhos e pra mim também, não sou de ferro né? Mas como você falou, o empoderamento não esta relacionado só com a questão de dinheiro, carreira... na questão de romper com o cotidiano, é difícil, muito difícil... eles só tem eu, tenho que fazer tudo no mesmo horário pra dá tempo de fazer as coisas em casa, trabalhar.” (N., Macapá. 30/07/2013).

“Olha acho que sim... somos independentes, conquistamos muitas coisas sozinhas. Então ganhamos poder ao longo do tempo, até a presidente é mulher, mãe solteira, então...” (S., Macapá 24/07/2013).

“De certa forma sim... hum... se empoderamento vem de poder sim, nossas conquistas são inúmeras. Cuidar de tudo sozinha não é tarefa fácil.” (N., Macapá. 30/07/2013).

Nota-se que essa questão do empoderamento ainda é pouco conhecida em meio às mulheres entrevistadas. A mulher brasileira está ainda hoje passando por uma grande mudança, a mulher amapaense não fica a parte deste processo. Elas vêm garantindo e conquistando cada vez mais seus espaços, principalmente quando se trata do mercado de trabalho. O empoderamento tem algumas características para ser qualificado como tal, e praticamente 90% das mulheres entrevistadas desconheciam tal definição.

Analisando as entrevistas, apreende-se que estas mulheres mães solteiras que participaram como objeto de pesquisa ainda estão em processo de empoderamento, visto que em sua maioria não possuem um avanço educacional, que é suma importância neste processo, para perceberem a importância de sua participação e sensibilização. Considerando o quesito saúde e bem-estar em comparação com o gênero masculino, obtêm-se uma ampla disparidade, pois estão à frente dos homens, porque as mulheres têm um maior cuidado neste aspecto.

No quesito bem-estar os homens ainda estão à frente das mulheres que chefiam famílias, pois em sua maioria possuem uma renda salarial maior, obtendo a possibilidade de consumir melhores alimentos, ter mais acesso ao lazer e segurança pessoal, visto que as mulheres mesmo ingressando no mercado de trabalho, ainda são as responsáveis pela esfera doméstica, sobrando pouco tempo para outros divertimentos, e quando o tem, são com os filhos, já que em sua maioria não tem com quem deixá-los. Ou não possuem condição financeira para obter uma funcionária para este fim.

A mulher apesar de estar galgando seu lugar nas estruturas sociais, ainda vive em uma sociedade onde os homens herdaram a maioria dos benefícios e quando as mulheres tornam-se chefes de família, vem junto às tarefas antes exercidas e mais a questão profissional que agora precisa ser pensada e exercida. As mulheres, desde que nascem, são socializadas na ordem patriarcal de gênero. Como diz Saffioti (2004, p. 34): “é pequena a proporção destas que não portam ideologias dominantes de gênero, ou seja, poucas mulheres questionam sua inferioridade social”.

Desta mesma forma, existem inúmeras mulheres que são extremamente machistas e que vêm aspectos negativos na troca dos papéis entre homens e mulheres. Neste caso das mulheres pesquisadas não evidenciamos explicitamente este contexto, mas percebemos que elas trazem bastante esta ideia patriarcal em relação à educação e criação de seus filhos, em relação à troca de papéis elas sentem-se em situação confortável em seu novo lugar na condição de chefe de família.



Foto 01 – grupo de mulheres que são mães e chefes de família.

A imagem mostra como as mulheres que são mães solteiras e chefes de família se relacionam, o quanto elas prezam por seus filhos, levando-os para as reuniões no projeto ao qual elas participam, destinado unicamente as mães solteiras. Algumas relatam que apesar das dificuldades tem lisonjeio em ser mãe solteira, provedora de seu lar.

3 – A RECENTE CONFIGURAÇÃO FAMILIAR: MÃE SOLTEIRA E CHEFE DE FAMÍLIA EM MACAPÁ – MOTIVOS E CONQUISTAS.

3.1 – Analogia entre as várias funções exercidas por mães solteiras.

A configuração familiar tem mudado sua estrutura ao longo do progresso da sociedade. Uma estrutura familiar que tem crescido em número é a formada por pais ou mães únicos, denominada famílias monoparentais. Estas famílias são decorrentes de divórcios ou separações, onde um dos pais assume o cuidado dos filhos e o outro não é ativo na parentalidade, ou famílias onde um dos pais é solteiro e o outro nunca assumiu a parentalidade. Nas famílias monoparentais, encontramos um maior número de famílias formadas por mães e filhos, tanto mães separadas ou mães solteiras, constituindo-se, nestes casos, famílias em que a mulher é chefe de família.

A cada ano há um crescimento maior no número de famílias chefiadas por mulheres em todo o Brasil. Certamente, o fato das mulheres, nas últimas décadas, ter alcançado mais escolaridade e aumentado sua participação no mercado de trabalho, está relacionado ao aumento do número de famílias chefiadas por estas. Ainda há, no entanto, muito a ser explorado e respondido acerca desse novo fenômeno.

O Amapá é o estado da região norte do Brasil que apresenta o maior número de mulheres que se declaram solteiras, cerca de 64,3%, segundo o censo realizado em 2010³. Com relação à chefia familiar, a referida pesquisa divulgou que a chefia masculina representa 62% e a feminina 38%, ou seja, o percentual das famílias chefiadas por mulheres ascendeu quatro pontos percentuais. Isso evidencia torna-se cada vez mais comum a mulher ser o chefe de sua família.

Nesta perspectiva, avaliou-se na pesquisa de campo que a maioria das mulheres não optou em ser mãe solteira, chegaram a esta situação em sua maioria por abandono do marido. A chefia, dessa forma, ocorreu de maneira indesejada, pois o abandono seria o que essas mulheres nunca imaginaram que iria acontecer, e por esta circunstância tomaram frente de sua família e sozinhas assumiram os filhos e todas as outras responsabilidades advindas com sua

³ - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=774>. Acessado em: 30/07/2013.

nova condição. Segundo Fisher (1995), o que é genuinamente novo na família contemporânea é o predomínio de pessoas solteiras e divorciadas, e de viúvos e viúvas vivendo sozinhos.

Em entrevista com as genitoras observamos que todas foram mães solteiras muito cedo, perdendo boa parte da juventude, mas na verdade, todas apresentam características iguais, sendo que exprimem de formas peculiares, devido às influências que receberam do meio em que viveram. Como por exemplo, a indagação que foi feita para ilustrar esta informação: o que é para você ser mãe e chefe de família?

“Ser mãe é largar muitas coisas, e no momento, eu me vejo, abrindo mão de muitas coisas para ficar com o meu filho. Agora ser chefe de família é muita responsabilidade.... é..... ah, tem que batalhar muito, dia – a- dia pra dar as coisas pra eles.” (J, Macapá. 24/07/2013).

“Isso é uma missão de vida, ter que cuidar os filhos. Eu tinha o sonho o sonho de ter uma família, mas num pensei que teria que criar sem o pai deles. Mas vou seguindo a vida me orgulho de criar sozinha dos meus filhos.” (J, Macapá. 24/07/2013).

Ao se tornar mãe solteira a mulher ganha mais uma atribuição e responsabilidade, agora ela é mãe, mulher, profissional, entre outras funções que esta exerce no meio social em que ela convive. Esta é uma característica é comum da mulher contemporânea, a mulher essencialmente moderna acumula funções. Sobre este aspecto as entrevistadas relataram o seguinte:

“(risos)... dupla, tripla.... trabalho duro pra sustentar meus filhos...não vou dizer que é fácil ser mãe solteira, por que não é, é difícil, mas fazer o que? Tenho responsabilidades.” (N, Macapá .30/07/2013).

“Sim, trabalho em dois lugares, sou diarista, então saio daqui e vou prá li. Ando o dia todo, e quando chego em casa tem as tarefas de lá, tem os meninos... eu vou dando um jeito aqui, outro ali. Os meninos estudam e quando saem de lá, eles vão pra casa da minha mãe, até eu chegar do meu trabalho.” (L, Macapá . 26/07/2013)

“Tenho, passo o dia fora. É muito complicado... A gente fica com a mente cansada. Muita preocupação. Eu chego todo dia oito horas da noite e vou logo fazendo as coisas em casa, já deixo tudo adiantado pro outro dia.” (M, Macapá . 24/07/2013)

Como podemos notar na fala das entrevistadas esta ideia da dupla jornada de trabalho mencionada é fato, a mulher sai do espaço privado que é sua casa, e adentra o mercado de trabalho que é o espaço público. Segundo Santana (2006) a esfera privada de trabalho, que em grande maioria é exercido por mulheres, é caracterizada como trabalho não produtivo, ou seja, não criador de valor. Assim, esse trabalho se torna “desconhecido” frente à sociedade que não reconhece o trabalho doméstico. Então, na condição de sujeitas de ações “invisíveis”, ou por

objetivarem trabalho remunerado no sentido de aumentar a renda familiar, essas mulheres se deslocam da esfera privada para a esfera pública de trabalho.

Esse deslocamento não significa que a mulher exercerá uma esfera em detrimento da outra. O que está posto aqui é que a mulher passará a exercer uma dupla jornada de trabalho – mesmo trabalhando na esfera pública é subjugada a trabalhar na esfera privada. Dessa maneira se tem a naturalização do âmbito doméstico como se fosse uma particularidade sua. Assim sendo, no primeiro momento as mulheres exercem seu protagonismo se “alforriando” da esfera privada, porém, retorna a ela. Em síntese, o que acontece é uma espécie de materialização do poder concreto e um desvanecimento desse poder conquistado. Encontra-se nessa relação à legitimação e restrição dos papéis de gênero impostos socialmente.

A inserção da mulher em um espaço por muito tempo considerado majoritariamente masculino acabou por fazer com que a mulher assumisse tanto o trabalho fora de casa como o trabalho doméstico, sobrecarregando-a com uma dupla jornada de trabalho. Para Perez (2001, p.52):

Responsáveis pela maioria das horas trabalhadas em todo o mundo, as mulheres, generosamente, cuidam das crianças, dos idosos, dos enfermos, desdobrando-se em múltiplos papéis. Esquecidas de si mesmas, acabam por postergar um debate que se faz urgente: a divisão desigual das responsabilidades da família, a injustiça de sozinha, ter de dar conta de um trabalho de que todos usufruem.

Fica evidente a sobrecarga de responsabilidades das mulheres em relação aos homens. As mulheres são as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado com os filhos e demais familiares, além das suas atividades econômicas. Exemplificando concretamente essa sobrecarga, observa-se que “os homens gastam nessas atividades, em média, 10,6 horas por semana e as mulheres, 27,2 horas” (Fundação Carlos Chagas⁴, 2007). E esta sobrecarga é ainda maior quando se trata das mães solteiras, pois estas não tem com quem dividir suas tarefas domésticas, e tratando-se das mulheres pesquisadas, estas não tem condições financeira para contratar uma empregada para cuidar de suas casas, então elas convivem em seu cotidiano com esta sobrecarga. A este respeito relatam as entrevistadas.

“Me sinto sim às vezes cansada, não é fácil trabalhar fora, cuidar de tudo e chegar e trabalhar de novo na minha casa. Já me acostumei com essa correria. Até nos dia de domingo que é minha folga eu paro pra fazer a faxina em casa.” (J, Macapá 24/07/2013).

⁴ - FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Mulheres, trabalho e família. Disponível em: <www.fcc.org.br>. acessado em 31/07/2013.

“É muito cansativo porque quando chego do meu trabalho ainda tenho que fazer as coisas em casa. E agora fica mais difícil porque tenho dois meninos que começaram a estudar e tenho que olhar o caderno deles e ajudar nas atividades da escola.” (R, Macapá 30/07/2013).

“Eu pouco tenho tempo. Chego do serviço e vou logo arrumando a casa. Isso porque quando saio bem cedo já deixo as coisas adiantadas.” (N, Macapá 24/07/2013).

Situações como estas geram na mulher/mãe e na mulher/profissional conflitos, por perceber o importante é a sua garra e sua determinação profissional, desvinculada das questões existentes em seu ambiente familiar. Contudo, o trabalho muitas vezes invade esse espaço por ela ignorado, afetando os vínculos afetivos entre mãe/filho e mulher/mulher. Portanto, conciliar o papel de mãe e profissional torna-se difícil não só emocional, mas também, fisicamente.

A mulher/mãe com essas vivências fica ansiosa, sentindo-se duplamente culpada por não dar a devida atenção (que julga ser a mais adequada) a casa e aos filhos, e em contrapartida, também não consegue dedicar uma parcela maior de tempo para o desenvolvimento profissional, estando em constante conflito. Esta realidade foi vivenciada em campo com o objeto de pesquisa, pois se percebeu nas observações e entrevistas que a culpa é um sentimento que está associado ao papel de boa mãe e das responsabilidades maternas para com o filho socialmente. Esse sentimento encontra forte relação na cultura e no processo de educação e socialização do indivíduo, o que pode levar a mulher/mãe a sentir medo e a culpa de criar filhos em desajuste com os padrões da sociedade.

“Queria ter mais tempo pra eles sim, as pessoa me cobra muito, principalmente meus parentes. Fica dizendo olha esses meninos, não deixa eles fazerem tal coisa. Mas o que vou fazer, né?” (R, Macapá 30/07/2013).

“minha mãe fica falando: na minha época não deixava vocês assim, e se não tinha marido, tratava logo de arranjar um. Mas eu não quero mais não, ela não entende, e vive falando isso, cobrando.” (J, Macapá. 24/07/2013).

Analisando as falas, apreende-se que ser mãe/profissional é complicado no que tange as mães solteiras, não apenas pela questão de constituírem o arrimo financeiro de sua casa, mas principalmente em relação ao seu papel de mãe, já que ela tem que deixar durante todo o dia seus filhos na escola e/ou aos cuidados de outros parentes para poderem trabalhar. Indaga-se a qualidade da educação que elas estão fornecendo aos seus filhos, esses questionamentos são comuns no ambiente da mãe solteira. É cobrada a todo o momento pelo grupo social em que convive, designando que ela tenha que ser boa mãe, ótima profissional, cuidar de sua aparência (que às vezes fica em segundo plano). Esta mulher tem que abarcar todas estas

questões de forma satisfatórias, sobrecarregando-a física e emocionalmente, com todas as cobranças advindas de suas funções.

3.2 – Mães solteiras em Macapá: os motivos que levaram a mulher à chefia de sua família.

A partir de todo contexto exposto neste estudo vê-se a necessidade de mensurar em que conjuntura familiar as mães solteiras que chefiam suas famílias estão inseridas. A família sobre a qual discorreremos neste estudo é aquela contemporânea em uma de suas formas de organização é a família monoparental, organizada a partir de uma única díade, a mãe e filho, ficando claro que poderia se organizar através da díade pai e filho, da qual não trataremos.

Conceituar o significado de famílias monoparentais parece bastante simples— o que é complexo, neste contexto, é a história e a necessidade que cada família apresenta. Além disso, é necessário compreender que família enquanto modelo familiar é um conceito fixo; o que temos ao falar de família monoparental é um grupo doméstico que se organiza a partir de certa composição familiar.

Família monoparental é um grupo doméstico formado apenas pela díade mãe-filho (díade materna) ou pai-filho (díade paterna). Este grupo se forma após o divórcio ou a separação do antigo casal, após a morte de um dos cônjuges, ou no caso das mães solteiras.

Desde um ponto de vista conceitual, a noção de monoparentalidade se ajusta melhor ao conceito de grupo doméstico que de família, mesmo porque a expressão 'parental' se refere à relação de filiação e não de conjugalidade. Por outro lado, quando aplicada à chamada díade materna, ela se refere,...mais a momentos conjunturais que a tipos de família. Contudo, um dos desenvolvimentos recentes nas relações de gênero em camadas médias é o que diz respeito a mulheres que desejam ter filhos mas não maridos, ou companheiros residentes. Monoparentalidade, pois, tem significados distintos em diferentes contextos. (WOORTMANN & WOORTMAN, 2004, p. 84).

Em consonância com este modelo de família onde a mãe é quem comanda o lar, é viável especificar que o grupo trabalhado é de mães solteiras que chefiam suas famílias e, levantar nesta circunstância, quais são os motivos que podem levar a mãe à chefia de seu lar. Abordando, neste aspecto, os princípios que nortearam este estudo, como: viuvez, abandono do lar pelo marido e a gravidez não assumida pelo pai da criança.

A viuvez é uma questão que desestrutura a mulher psicológica e financeiramente. Visto que a morte do chefe de família, muitas vezes, deixa a viúva em situação de desequilíbrio econômico, haja vista que nem sempre esta fica amparada por pensão decorrente de morte previdenciária. Ficando ou não amparada financeiramente, a viúva passa a ser

responsável pela gestão familiar, acarretando no fortalecimento das estatísticas, cada vez mais crescente, de mulheres chefes de família. Muitas delas não ficam muito tempo nesse posto, pois por circunstâncias econômicas ou sentimentais, acabam entregando a chefia do domicílio para um novo cônjuge, formando assim a chamada família recomposta (ROUDINESCO, 2003, p.10).

Segundo dados do IBGE no censo demográfico de 2000, a respeito de domicílios chefiados por viúvas, que retrata um aumento significativo de mulheres, a partir dos 50 anos tornando-se chefes de família, índice este que chega a 39,8% aos 65 anos ou mais. O contingente de mulheres acima de 50 anos pode indicar que, além das dissoluções conjugais, pode existir um número elevado de mulheres viúvas, pois é fato que a expectativa de vida feminina é maior que a masculina.

Outro motivo preponderante é o abandono do lar pelo marido. Neste contexto vivenciado a mulher é impactada com a ausência repentina de seu cônjuge, sem a estrutura necessária para prosseguir sua vida. À medida que na maioria dos casos o homem é o provedor financeiro principal, ficando a mulher com as funções secundárias como administrar a casa, ajudar na ordem financeira e sem deixar de mencionar a contribuição afetiva que ele desempenha em sua vida.

A gravidez não assumida pelo pai é ponto relevante na “chefia forçada” na vida da mãe solteira. Na maioria dos casos esta paternidade não assumida é referente às grávidas adolescentes. Completando esta questão com a citação a respeito, o artigo do DR. Irineu Dias:

A maioria não assume a paternidade por vários motivos, como o caso em que o menino (pai) não assume a paternidade, outras vezes a paternidade é de um homem mais idoso já comprometido com outros relacionamentos e em outras situações até inusitadas onde os pais (meninos e meninas) continuam morando na residência de seus pais e continuam namorando, mas mesmo assim o futuro é sempre duvidoso, pois neste percurso surgem novos embaraços e esta união não se estabelece mesmo com o apoio dos familiares.

Autenticando esta informação, o IBGE ainda no censo de 2000 menciona que 27,4% de jovens mulheres — na faixa de 15 a 19 anos de idade — conhecem a maternidade precoce. Parte considerável das adolescentes grávidas torna-se mãe solteira; isso não impede, contudo, a possibilidade de que estas jovens sejam amparo para família, segundo dados do instituto. Diante deste contexto é notório o crescimento considerável de jovens que se deparam com a condição de criar sozinhas seus filhos, antecipando as responsabilidades e com isso são impulsionadas a reestruturar seu modo de vida, assumindo então a função de chefe de família.

Mediante a todo este processo, tornou-se factível irmos a campo para adentrar no espaço das mulheres que chefiam famílias na cidade de Macapá e conhecer os motivos que a levaram a tal condição. Mediante pesquisas em sites de busca, encontramos um projeto chamado T- amar que provê apoio para estas mulheres, principalmente de cunho emocional. A aproximação aconteceu a priori com a coordenadora que mensurou o funcionamento, organização e objetivo do projeto.

Este começou a funcionar em 20 de janeiro de 2013 com reuniões mensais onde há palestras direcionadas para o contexto da mãe solteira durante o ano inteiro e encontros semanais para aquelas mulheres que desejam fazer cursos voltados para o artesanato, a culinária e também instruções para aquelas que buscam começar o negócio próprio. Evidenciando ainda que haja períodos previamente combinados entre as participantes e a coordenadora para eventos que tem o objetivo de cuidar da estética e estima destas mulheres.

Em seguida verificamos as participantes e houve a apuração de quais iriam se dispor para fornecer as entrevistas e relatar sobre suas experiências vividas a respeito da condição em ser mãe solteira e chefe de família. Detectamos que dez se disponibilizaram para participar deste estudo, observando que suas identidades bem como de seus filhos iriam ser preservadas. Para descrever essas vivências fizemos um recorte, selecionando quatro destas mulheres para contar como vivem, além do contexto em que as tornou chefe de família. Algumas dessas mulheres vivem em áreas alagadas ou em periferias, em sua maioria trabalham de maneira informal como domésticas ou diaristas.

Débora tem dois filhos, sua residência é própria situada em uma área de ressaca no bairro Congós. Era amasiada há 8 anos, teve dois filhos e não trabalhava fora, apenas cuidava de casa e de seus rebentos. Terminou o segundo grau e não dedicou mais sua vida aos estudos, apenas a família. Tudo parecia normal. Em 2009 seu esposo foi trabalhar na construção de casas populares no Estado do Pará, e ela ficou juntamente com seus filhos em Macapá. Ele mandava dinheiro todo mês para ela, mas depois de oito meses morando distante da família, não mandou mais nenhum recurso e nem notícias. Débora nem quis acreditar, procurou saber onde seu marido estava, mas sem sucesso. Depois de meses requerendo notícias e vivendo com a ajuda financeira de parentes, ela aceitou a realidade que se deparava com ela naquele momento: seu esposo havia abandonado ela e seus filhos. Seu relato é emocionante e evidencia uma realidade cada vez mais freqüente na sociedade.

“... quando eu cai na real, me choquei... só pensava como ia criar meus filhos, sem estudo, sem emprego... quem ia querer me dá emprego se eu nunca tinha trabalhado? Eu não sabia fazer nada que não fosse dentro de casa. Ficava pensando como eu fui tão burra de não ter me espertado antes. Fiquei procurando

emprego, até que uma conhecida da minha mãe ofereceu pra eu trabalhar de diarista na casa dela duas vezes na semana, pensei, pra quem não tinha nada de dinheiro, até que era uma boa. Eu fui. E... e fiquei lá até que apareceu outras pessoas querendo meus serviços. Ai eu fui fazendo uma coisa aqui outra ali. Mas foi difícil, porque querendo ou não, cuidar de tudo sozinha não é fácil. E outras coisas mais que passei, seu eu fosse te contar...”(Débora, 30/07/2013).

Relatou que com dificuldades estava conseguindo ultrapassar este obstáculo. Expôs como chegou ao projeto direcionado às mães solteiras.

“bem fiquei sabendo das reuniões através de uma vizinha, aqui perto da ponte que tava indo lá. Ai ela me falou que lá só tinha mãe solteira, que cuidava de casa sozinha e tal. Ela me convidou muito tempo, ai um dia eu fui. Comecei a ir em abril, gostei para caramba, elas falam lá a realidade da vida. Dão apoio pra gente seguir em frente. Comecei a fazer um curso lá, aprendi a fazer bombom de chocolate. A coordenadora e as mulheres que ajuda ela, me ajudou a comprar uns materiais pra começar a fazer bombom em casa. Ai comecei a fazer e vender perto de casa, fez sucesso... gosto muito de ir, não perco uma reunião.”

Joana foi mais uma mãe chefe de família que compartilhou suas vivências nesta pesquisa. Tem três filhos, possui residência própria localizada no bairro Novo Horizonte, zona norte. Esta sempre foi dona de casa e tinha uma relação conturbada com seu marido. cursou apenas o ensino fundamental e não continuou seus estudos. Sempre foi dona de casa e cuidadora de seus filhos. Devido ao relacionamento difícil que tinha com seu parceiro, ele teve um relacionamento extraconjugal e a deixou com os filhos. Ela relata esse momento em que teve que assumir a chefia familiar.

“quando ele foi embora fiquei chorosa sim... ele não prestava, mas ele que botava as coisas dentro de casa. Os menino eram muito apegado com ele. Comecei a vender as coisa de dentro de casa pra comprar comida, ninguém me dava ajuda porque eles moro tudo pra Santana. De vez em quando, meu irmão mandava umas coisas. Mas ele ficava jogando na minha cara, que a mamãe tinha me avisado que ele não prestava, que era minha culpa deu ta assim. Ai eu comecei a juntar latinha com meus filho. Até que de tanto eu juntar latina, um dono do bar disse se eu não queria ficar lá lavando as louças do bar, limpando as mesa. Só que ele mandou me arrumar mais um pouco. Ai eu fiquei lá fazendo as coisas. Ai a sogra dele teve simpatia por mim, eu conversava muito com ela, contei minhas historia. Ai ela gostou do meu trabalho lá e me convidou pra eu ir trabalhar limpando a casa dela, fazendo as coisas. Eu fui, por que eu ia pro bar só de noite. Ai eu comecei a ganhar um dinheirinho pra sustentar meus filho, dá as coisas pra eles, foi difícil no começo, mas eu to indo, levando, e lutando.” (Joana, 26/07/2013).

O relato de Joana evidencia em qual condição sua chefia familiar se apresentou. Ela contou como foi sua aproximação com o projeto.

“foi assim. Elas tavam fazendo um chamamento no meu bairro, tipo uma caminhada convidando as mães. Ai elas me deram um papel, eu li e vi que falava de mulher igual eu. Que cuidava de tudo só. Ai eu me interessei e no dia da reunião eu fui. Gostei das brincadeira e porque eu podia levar meus filho. Eles trazem os ônibus pra pegar a gente no bairro, por isso que eu vou. Fiz amizade com outras mulheres lá. É muito legal. Tô participando até hoje.”

Como avalia Maria sobre a chegada não esperada de sua chefia, lembra que foi difícil, principalmente em relação aos filhos. Tinha um parceiro e aparentemente nenhum problema grave que pudesse levá-lo a abandonar a família, lembra que ela havia saído e quando voltou às roupas dele já não estavam em sua morada. Pensou várias situações, mas uma vizinha lhe contou que tinha observado quando ele saiu de dentro da casa e pegou uma moto. Sobre este acontecimento ela menciona.

“fui na casa da mãe dele pra ver se ela sabia do paradeiro dele, mas ela falou que ele não tinha falado nada. Falei do que tinha acontecido, mas ela disse que não podia me ajudar muito. Fiquei pensando como ia ser, porque eu fazia uns bico, mas era só pra eu comprar umas coisas pra mim, pros meninos. O grosso mesmo, as compras, o material das crianças, quem comprava era ele, quando faltava alguma coisa era ele que corria atrás. Então procurei muito e arranjei um trabalho numa lanchonete. Trabalho o dia todo, mas como lá e o que sobra o dono deixa eu levar pra casa pros meninos. Dia de sábado faço minha diária e no domingo eu fico em casa com meus filhos. É muito bom ter um sossego com eles. Sabe difícil foi e é, mas tô levando até quando Deus quiser. Cuido de tudo só, sou só.” (Maria, 30/07/2013).

Dessa forma como chefe de seu lar Maria é a mantenedora dentro de sua família em todos os aspectos. Alude como conheceu o projeto direcionado para mães solteiras.

“conheci o projeto por uma mulher que foi na lanchonete onde eu trabalho e ouvir ela falando sobre isso, perguntei pra ela direitinho e ela me falou o dia da reunião lá. Quando foi no dia fiquei pensando se eu ia, decidi, arrumei as crianças e fui. Cheguei lá, fiquei quietinha. Mas depois as outras foram falando comigo, então fui me soltando. Gostei muito, até porque não demora muito, é rapidinho. No final tem o lanche, as conversa. A líder é muito bacana, muito simples. Ela liga pra saber como a gente tá. Tem vezes que não dá de ir, mas não sou de faltar não. Me fez muito bem esses encontros, entendi que eu tenho um valor, não é porque eu sou mães solteira que eu não tenho. Eu hoje em dia, sou mais eu.”

Neste aspecto detectamos a declaração de mais uma das entrevistadas. Seu nome é Fátima, têm filhos e como as demais, chefia sua família. O esposo a abandonou logo após que ela teve seu segundo filho. Não mencionou quase nada sobre o marido, de sua vida anterior ao abandono. Mas inferiu algumas questões sobre este assunto.

“olha nem gosto de falar muito sobre isso não. Mas minha vida era boa. Tive que lutar muito pra conseguir um trabalho. Fiz um curso pelo de operador de caixa. Fiquei sabendo que a inscrição ia ser no projeto minha gente, no jardim II. Acordei seis horas da manhã pra pegar a senha, até que eu consegui. Depois disso, fiz uma entrevista no outro dia e passei. Meu curso era perto da penitenciária, quem me ajudou muito foi minha mãe meus irmãos. Minha mãe ficava com meus filhos e meus irmãos me ajudavam com a passagem de ônibus. Acordava muito cedo pra ir, quase que eu desisto, mas pensava que não podia por causa dos meus filhos. Consegui terminar e fiz estágio no supermercado fortaleza. Meu currículo ficou lá. Depois de um mês me chamaram. Peguei o emprego. Trabalho de manhã e a noite. Mas pra mim vale a pena. Queria muito fazer uma faculdade, mas o dinheiro não dá e também por causa do meu trabalho não tenho tempo. É bastante cansativo. Chego morta em casa. Mas tenho orgulho de tudo o que consegui. Estou feliz. É difícil, vou dizer que é fácil? Não vou mentir, é barra. Cuidar de tudo, resolver os problemas

sozinha não é fácil, mas vou levando. Vê meus filhos bem é o que me faz feliz.”
(Fátima, 30/07/2013).

Em relação ao seu vínculo com o projeto para mães solteiras, fez referências.

“conheci por causa de uma moça que foi no supermercado onde trabalho com uma camisa que estava escrito: projeto T-amar, mãe solteira tem valor. Perguntei pra ela onde era, ela falou que era aqui em Macapá. Disse que ia ter uma reunião no domingo ia ser bem no dia da minha folga. Ela me deu um papelzinho de lá. Eu fui. Ouvir aquelas palavras, me confortou tanto, parece que tirou aquele peso de mim, sabe? Gostei muito. No outro encontro foi o dia da beleza, o dia que a gente ia fazer uma transformação no visual. Fiz cabelo, maquiagem, tirei a sobrancelha. Depois elas fizeram o antes e o depois da gente, nossa foi muito legal. Me senti renovada, bonita, linda. Participar me faz muito bem, quero continuar.”

Diante dos assuntos abordados com relação à chefia das mães solteiras, podemos evidenciar com base nas apreensões teóricas, e como já foi mencionado neste tópico, que vários são os motivos que levam a mulher a esta condição. E sobre os aspectos das mães pesquisadas ratificamos que o motivo que predomina entre elas é a questão do abandono familiar pelo cônjuge, confirmando esta hipótese com as falas que foram mencionadas durante o desenvolvimento do estudo e dos relatos mencionados acima.

Verificou-se, também, que o maior percalço dessas mulheres é lhe dar com este abandono de forma inesperada, sem apoio para prosseguir a vida. Fundamentando nessa circunstância que a questão financeira é a que mais ocasiona impasses, na vida dessas mães. Assim, devido à quebra do relacionamento conjugal, a renda total é segmentada, e as mudanças no orçamento doméstico tornam-se visíveis. O maior ônus recai, em regra, sobre a mulher, pois também usualmente, está não costuma ser a maior provedora do lar, o que traz, além das perdas emocionais, muitas perturbações de gerenciamento financeiro. Podemos apontar esse traço como sendo comum a todas as mulheres que participaram da pesquisa.

Perante o panorama apresentado, cada uma delas buscou reestruturar a vida de acordo com os recursos disponíveis. Quem precisou, buscou ajuda. Hoje, Débora, Joana, Maria e Fátima encontraram um equilíbrio para seguir com suas vidas. Aprenderam a crescer a partir das perdas, sem deixar que a tristeza tomasse conta de suas vidas. Seguiram com afinco, lutando e vivendo com novas necessidades.

O abandono foi o motivo unânime entre essas mães que começaram a chefiar suas famílias por conta disso, e ainda deixou marcas inesquecíveis na vida dessas mulheres, superado com o suporte da família e amigos. Foi possível analisar que as mulheres do projeto voltado para mães solteiras, começaram ter uma nova definição da vida em sociedade e vêm suas experiências válidas para compartilharem com os demais indivíduos. O ambiente de

desamparo que sofreram de seus cônjuges trouxe conquistas, desafios e principalmente recomeço.

Esse tema é pouco estudado no ambiente científico, mas em 1995, Chico César havia citado em sua música o contexto vivido por mães solteiras como chefe de família.

Mama África/ a minha mãe/ É mãe solteira/ E tem que fazer mamadeira todo dia/
Além de trabalhar/ Como empacotadeira, nas casas Bahia/ Mama África, tem tanto o
que fazer/ Além de cuidar neném/ Além de fazer dengue/ Filhinho tem que
entender/ Mama África vai e vem/ Mas não se afasta de você/ Quando mama sai de
casa/ Seus filhos se olodunzam/ Rola o maior jazz/ Mama tem calo nos pés/ Mama
precisa de paz/ Mama não quer brincar mais/ Filhinho dá um tempo/ É tanto
contratempo/ No ritmo de vida de mama/ É de Senegal, ser negão, Senegal/ Deve ser
legal, ser negão, Senegal/ Mama África/ A minha mãe/ Mama África.

Esta música faz alusão a realidade das mães solteiras, de seus compromissos e deveres. Relata com propriedade o cotidiano das mães que fizeram parte da dimensão deste estudo e resume com precisão os anseios destas mulheres, tanto em relação aos seus filhos, quanto a sua partida ao mercado de trabalho.

3.3 - Ser mãe solteira: prós e contras.

Como já mencionado em capítulos anteriores ser mãe solteira é uma tarefa árdua. Partindo deste ponto de vista, abordaremos os prós e contras desta condição.

Há apenas duas décadas no Brasil a entrada maciça de mulheres no mundo do trabalho transformou radicalmente a economia. O principal motivo foi à necessidade: a crise econômica da década de 80 empurrou as mulheres para o trabalho. Mas a cultura já havia sofrido uma revolução. E a família tinha de ser repensada. O que parece estar ocorrendo agora é uma nova reviravolta na escala de valores da sociedade. Nos anos de 80 e 90, caracterizados pelo individualismo e pela competição profissional acirrada, era normal sacrificar a vida pessoal em prol do sucesso- ou aquilo que considerava sucesso. Nesse modelo competitivo a busca por resultados tem elevado a carga de trabalho nas empresas e, conseqüentemente, o estresse. Inicia, então, o fortalecimento do discurso oposto, que engloba ecologia, espiritualismo e bem-estar.

As mães entrevistadas dizem “dar conta do recado” de suas funções de mãe/profissional/mulher. Entretanto, existem questões, principalmente em relação aos seus filhos, que essas mulheres não conseguem abarcar com precisão. Até pouco tempo falava-se

no tempo qualitativo que as mães passavam com eles, mas este conceito vem sendo contestado. A terapeuta de família Danielle Peres diz:

Isso era uma desculpa. Não existe qualidade sem um mínimo de qualidade de tempo, de conexão, de acompanhamento da rotina. Vejo no meu consultório muitas mães que abrem mão de todo o tempo com os filhos e depois não sabem por que eles estão com problemas. É muito cruel ver mães que nunca levam ou buscam seus filhos na escola, que não conhecem seus amiguinhos, suas questões do dia-a-dia. (DANIELLE PERES, SÃO PAULO).

Em relação a este contexto as mães solteiras que foram entrevistadas destacaram o seguinte:

“ser só de uma parte é bom, mas de outra é ruim. Porque eu gosto de ser sozinha, sem dar satisfações, mas tudo só pra mim é difícil, muito difícil. Chegar em casa e ver meus filhos ali e ainda nem poder conversar direito com eles é ruim. Eu queria ter mais tempo com eles, mas tenho que trabalhar.” (S, Macapá 26/07/2013)

“nem sei o que dizer... ai, ai, ai.... olha eu não escolhi ser mãe solteira, acho difícil, principalmente por causa dos meninos, amo eles.” (I. Macapá 231/07/2013)

“queria ter mais tempo pras crianças, mas é só eu, né? E tenho que ir trabalhar pra trazer a comida.” (M. Macapá 24/07/2013).

“tenho dó deles, mas faço o que dá...” (S. Macapá 31/07/2013).

Nota-se nas entrevistas, que essas mulheres têm noção do tempo que estão dedicando aos seus filhos, então contrapondo a ideia da terapeuta familiar citada acima, não há como mensurar o esforço dessas mães solteiras em darem o seu melhor enquanto mães. Então afirmar que seja cruel essas mulheres não restarem a atenção necessária a seus filhos é precipitada, em virtude das mesmas não contarem com opções e apoio. No estado do Amapá não há nenhuma instituição pública que ajudem essas mães solteiras, existem sim, mas políticas públicas voltadas à assistência de mulheres que sofrem violência de todos os tipos.

Somente em Macapá, a pesquisa de campo detectou o projeto T-amar que é unicamente para mães solteiras, este projeto fornece apoio para elas, principalmente de cunho emocional. E até nos encontros realizados pelo projeto essas mães levam seus filhos, por serem sozinhas e não ter com quem deixá-los, ou em alguns casos, por passarem muito tempo longe optam por levar seus rebentos. Desta forma, ficam nítidas as dificuldades que as mães solteiras têm em suas vidas. Fazendo alusão a este contexto fotos que foram tiradas no âmbito das reuniões do projeto que elas participam.



Foto 02 - reunião das mães solteiras no projeto T-Amar.



foto 03 – mães solteiras em um momento de reflexão em uma das reuniões.

Infere-se desta forma que este apoio em que as mães solteiras têm no projeto é de suma importância, visto que é neste lugar que elas encontram alicerce para prosseguir, obtêm também momentos de distrações com as demais participantes e com as líderes. As palestras as ajudam para perceberem que o fato de terem sido abandonadas não as tornam culpadas, mas sim, colocam-nas a frente de suas família como chefe, o que estas consideram ser seu maior bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo presente estudo, pôde-se vislumbrar averiguar o lugar e a vida das mães solteiras. No decorrer do trabalho percebeu-se que ainda são muitos os percalços que as mães solteiras que chefiam suas famílias enfrentam. E o papel da mulher no seio familiar sempre teve seu lugar na sociedade, embora pouco reconhecido, mas fundamental para a manutenção e estrutura social familiar.

Constatou-se, que esse novo modelo de família vem apresentando mudanças significativas no que diz respeito à sua estrutura. Desde a década de sessenta, com a industrialização e a urbanização, a mulher conquistou um espaço na sociedade que antes não dispunha. Na atualidade, início deste século, é cada vez mais comum encontrarmos lares chefiados por mulheres, principalmente nas camadas desprovidas de recursos financeiros. A sociedade, que antes separava o público do privado (com a mulher inserida no âmbito privado, cumprindo o papel de dona-de-casa, enquanto o homem recebia o papel de provedor, trabalhando fora para que a casa tivesse tudo o que fosse necessário para o bem estar material do lar), apresenta transformações, pois com o movimento feminista as mulheres saem às ruas para protestar e lutar por direitos iguais, transformando essa realidade. A família contemporânea sofre uma ruptura e novas perspectivas surgem para a vida conjugal.

Com os ganhos e as perdas sofridas com o movimento feminista, surge um novo espaço para a mulher na sociedade, na qual ganha autonomia. Ela sai de casa, vai para o mercado de trabalho, procura a qualificação profissional e independência financeira.

Verificou-se uma descoberta importante no decorrer do estudo que as mães entrevistadas não são viúvas e nem optaram pelo não casamento e sim foram abandonadas por seus parceiros, evidenciando que sua chefia se inicia nesse contexto de abandono. Iniciando uma nova e difícil etapa de suas vidas, por não estarem preparadas para adentrarem no mercado de trabalho, encontrando dificuldades em conciliar sua função de mãe e profissional.

A partir das observações do objeto pesquisado, constatou-se ainda, que em sua maioria as mães solteiras chefes de família chegaram à chefia pelas condições acima citadas, desde o contexto financeiro - que historicamente e culturalmente eram características da figura paterna - até aos cuidados e acompanhamento da educação dos filhos e os demais deveres domésticos, atribuído historicamente ao papel da mulher, o que culmina na sobrecarga de funções e atividades destas mulheres na chefia de sua casa.

A elucidação do abandono por parte de seus companheiros fica nítido no decorrer da pesquisa e nos relatos das entrevistadas, pois, este foi o principal motivo que levou essas mulheres a chefia de sua família. Neste aspecto verificou-se que as mães solteiras, acumulam dupla jornada de trabalho, executando o resguardo financeiro de sua família, funções que antes era compartilhada agora passa a ser realizada unilateralmente por elas.

A relação de mulher/mãe/profissional não se desvincula em razão destas mulheres terem que abarcar de maneira satisfatória todos esses campos. Como profissional adentra o espaço público para manter o sustento de seus filhos, como mãe ao entrar em seu espaço privado entrega-se a esta função não restando espaço suficiente para sua dedicação enquanto mulher. Deixando de lado os cuidados com a saúde e estética, pois todos estes acúmulos de funções acabam exigindo uma dedicação intensa, no sentido que estas mulheres preocupam-se muito com a questão financeira para proporcionar qualidade de vida a sua família.

Assim, a expectativa em torno da presente pesquisa é a visibilidade sobre a temática diante de uma sociedade em constante transformação. Neste sentido, essa nova dinâmica de configuração familiar de mães chefes de família vem ganhando espaços no âmbito social. Evidenciando, ainda, que estas são esquecidas pelo poder público não sendo resguardada por nenhum projeto assistencial. Elas quando se deslocam para o trabalho, não são contempladas com vagas em creches para deixarem seus filhos, tendo por necessidade levar seus rebentos ou deixar com familiares próximos. Dessa forma apreende-se que os objetivos e hipóteses que instigaram a pesquisa foram alcançados, e com isso podemos identificar um número crescente de mães solteiras que diante da circunstância de abandono chefiam seus lares.

A perspectiva deste estudo, portanto, é mostrar a realidade da vivência das mães solteiras, pois se há assistência para a criança e o adolescente, mulher vítima de violência, por que então a mãe solteira não tem este amparo das entidades governamentais? Nesta conjuntura, como evidenciado no decorrer desta pesquisa sobre a necessidade que estas mães apresentam tanto nos aspectos com os filhos - em relação a creches, escolas que os acolham para não ficarem ociosos – como também para as próprias mulheres que não possuem opção institucional a que recorrer. Somente há na cidade o projeto T-amar, que não é divulgado e poucas pessoas acabam sabendo onde encontrar apoio. Almejamos que através do exposto, as mães solteiras obtenham mais visibilidade perante as autoridades competentes e a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BILAC, Elisabete Dória. Família: algumas inquietações. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Educ/Cortez, 2000. Pag. 36.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Educ /Cortez, 1995. Pág. 122.
- CARVALHO, M. C. Brant; NETTO, José Paulo. Cotidiano: conhecimento e crítica. São Paulo: Cortez, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 3ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- COELHO, Sônia Vieira. Abordagens psicossociais da família. In: AUN, Juliana Gontijo; Vasconcellos, Maria José Esteves de; Coelho, Sônia Vieira. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais: fundamentos teóricos e epistemológicos**. 2º edição. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2006. P.: 143 – 233
- COELHO, Virginia Paes. **O trabalho da mulher, relações familiares qualidade de vida**. Revista Social & Sociedade, nº 71, ano XXIII, setembro 2002, p. 63-79.
- DEL PRIORE, Mary. “o corpo feminino e o amor: um olhar (século XVIII, São Paulo). In: D’INCAO, Maria Ângela (org.). **o amor e família no Brasil**. São Paulo: contexto, 1989.
- DUARTE, Rafael Venancio. Reportagem. **Como uma família chefiada por mulher se relaciona?** .En Publication: Diversidade, no. 10-11.CEBRAP, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, Brasil, Julio –Dicirmbre.2006.
- DURAN, Maria Angeles. **A Dona-de-Casa: Crítica Política da Economia Doméstica**. Tradução de Yara Cristina Ferrauto e Wanda Capeller. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. 73 p. V. 5
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- FISHER, Helen E. (1995). **Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio**. Rio de Janeiro: Eureka.
- FONTENELE-MOURÃO, Tânia M. **Mulheres no topo de carreira: Flexibilidade e persistência**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, 2006. 92p.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição- São Paulo. Atlas. 2002.
- FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL, **Empoderamento de mulheres**. Avaliação das disparidades globais de gênero. Genebra, 2005. Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/images/stories/equidade/Aba%205%20>

IBGE. **Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil – 2000**. Série estudos e pesquisas informações demográficas e socioeconômicas, nº 8. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=774>. Acessado em: 26/07/2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=774>. Acessado em: 30/07/2013.

JAQUETTE, Jane S. **os movimentos de mulheres e as transformações democráticas na América Latina**. In: LEON, Magdalena (Org.). Mulheres e participação política. Avanços e desafios em América Latina. Bogotá: Tercer Mundo, 1994.

KOERNER, Andrei. “**Posições doutrinárias sobre o direito de família no Brasil pós- 1988**. Uma análise política”. In: FUKUI, Lia (org.). Segredos de Família. São Paulo: Annablume: Nemge/USP: Fapesp, 2002.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. “**aspectos do segredo: Maria Lacerda de Moura**”. In: FUKUI, Lia (org.). Segredos de família. São Paulo. Annablume: Nemge/USP:FAPESP,2002.

LISBOA, Teresa Kleba. **O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais**. In: fazendo gênero – corpo, violência e poder.

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lucia. “**recônditos do mundo feminino**”. In: SEVCENKO, Nicolau. Histórias da vida privada no Brasil. São Paulo: companhia das letras, 1998.

MORGAN, L. H. (1970). A família antiga. In: CAVANECCI, Massimo (org). **Dialética da Família – gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva** por: Engels, Freud, Reich, Marcuse, Fromm, Levi-Strauss, Adorno, Horkheimer, Habermas. Lang, e outros. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984 (1ª. Ed. 1981) – 3ª. Edição.

MELMAN, Jonas. **A família e doença mental**: repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares. São Paulo: Editora Escritura, 2006, 2ªedição P. 160.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Editora: Hucitec. São Paulo, 2008. 11ª Edição.

MOLYNEUX, Maxine. **Movimentos de mulheres na América Latina**. Um estudo teórico comparado. Madrid: Catedra: Universidad de Valencia. 2003.

PEDERSEN, Jean Elisabeth. **Política Sexual em Comte e Durkheim**: Feminismo, História, e a Tradição Sociológica Francesa. 2006.

PEREZ, Lícia. Os desafios para o século XXI. In: GALEAZZI, I.M.S. (Org) **Mulher e Trabalho**. Publicação Especial do Convênio da Pesquisa e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (PEDRMPA) v. 1, 2001. p. 51-53.

SANTANA, Mônica Cristina Silva. **Muito Trabalho, Pouco Poder**: Participação Feminina Mitigada Nos Assentamentos Rurais do Estado de Sergipe. In: GROSSI, Miriam Pilar. ; SCHWADE, Elisete. (Org.) *Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, famíliae sexualidade*. Blumenau: Nova Letra. p. 47 – 68, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2007, 152 p.

SINGLY, François De. **Sociologia da família contemporânea**. São Paulo: Editora FGV, 2007.

SOARES, Vera. **Movimento feminista**. Paradigmas e desafios. Revista de estudos feministas. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, N° especial, 2° semestre. 1994.

TELES, Maria Amélia. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo. Brasiliense, 1993.

WAGNER, Adriana; PREDEBON, Juliana; MOSMANN, Clarisse; VERZA, Fabiana. **Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Mai-Ago 2005, Vol. 21 n. 2, pp. 181-186. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722005000200008&lang=p>. Acessado em: 12/07/2013.

WOORTMANN, Klass e WOORTMANN, Ellen. **Monoparentalidade e chefia feminina**: conceito, contextos e circunstâncias. Série antropológica, n° 357. Brasília, 2004.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COORDENAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- 1) O que é para você ser chefe de família?
- 2) Somente você é provedora da família?
- 3) Você percebe preconceitos ou estigmas em ser mãe solteira?
- 4) Você tem dupla jornada de trabalho? Como concilia o papel de ser mãe solteira e trabalhadora?
- 5) Foi opção ser mãe solteira, qual sua percepção sobre este assunto?
- 6) Que tipo de atividade você exerce no mercado de trabalho?
- 7) Você acompanha a educação escolar de seus filhos? Como se relaciona com eles e como os orienta?
- 8) Como você vê a emancipação da mulher formando família?
- 9) Como você vê os avanços dos direitos da mulher na sociedade atual?
- 10) Com os novos direitos adquiridos, para você a mulher sofre um processo de empoderamento, seja como chefe de família ou nas políticas públicas?
- 11) Fale sobre você, como é sua vida na família, na comunidade, no trabalho?
- 12) Relate como você conheceu e começou a participar do projeto destinado para mães solteiras.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COORDENAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

FOTOS DAS REUNIÕES QUE AS MÃES SOLTEIRAS PARTICIPAM NO PROJETO T-AMAR.



Foto 04 – coordenação do projeto T-Amar.



Foto 05 - reunião das mães no projeto.



Foto 06 – reunião e dinâmica em grupo das mães solteiras.



Foto 07 – pós reunião, conversas e debates.



Foto 09 – palestra para as mães solteiras com o tema: mãe solteira tem valor.